

ESCOLA DE COMUNICAÇÃO, ARTES E DESIGN - FAMECOS
CURSO DE JORNALISMO

EDUARDA PUCHPON WISNIEWSKI

O ESGOTAMENTO DA NOTÍCIA: UMA ANÁLISE SOBRE A COBERTURA DO JN NA
ENCHENTE DO RIO GRANDE DO SUL EM 2024

Porto Alegre
2024

GRADUAÇÃO



Pontifícia Universidade Católica
do Rio Grande do Sul

EDUARDA PUCHPON WISNIEWSKI

**O ESGOTAMENTO DA NOTÍCIA: UMA ANÁLISE SOBRE A COBERTURA DO JN
NA ENCHENTE DO RIO GRANDE DO SUL EM 2024**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para a obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo pela Escola de Comunicação, Artes e design da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Cristiane Finger

Porto Alegre
2024

EDUARDA PUCHPON WISNIEWSKI

**O ESGOTAMENTO DA NOTÍCIA: UMA ANÁLISE SOBRE A COBERTURA DO JN
NA ENCHENTE DO RIO GRANDE DO SUL EM 2024**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para a obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo pela Escola de Comunicação, Artes e design da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Aprovada em: ____ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Dra. Cristiane Finger - Orientador(a)

Prof. Dr. Fabio Canatta - Examinador

Prof. Dr. Juremir Machado da Silva - Examinador

AGRADECIMENTOS

Em um primeiro momento, gostaria de agradecer a Deus pelo dom da vida e a oportunidade de poder compartilhar com meus colegas e família mais um momento especial e gratificante. Também, estendo toda a minha gratidão aos meus pais, Leonardo e Giovana, que com muito carinho, fé, amor e paciência, me auxiliaram a persistir e não desistir nos dias difíceis. Agradeço, por serem minha base e estarem ao meu lado sempre, e em toda minha caminhada acadêmica e pessoal. Reconheço ainda, em especial à minha irmã e melhor amiga, Pâmela, todo o apoio durante esses anos. Agradeço a compreensão, os momentos de conversa, mas principalmente, todo o cuidado e amor. Obrigada mana, por acreditar em mim, em momentos em que até eu duvidava.

Expresso também, meu carinho pelos meus colegas de graduação, que acrescentaram muito ao meu conhecimento e crescimento profissional. Dedico minha gratidão ainda, a todos os professores que ao longo desses quatro anos tive a oportunidade de compartilhar momentos, histórias e muito estudo. Cada um tem um papel fundamental na minha trajetória. E por isso, dedico esse trabalho a toda comunidade acadêmica e a pesquisadores que diariamente buscam sabedoria e respostas sobre o papel fundamental que o jornalismo exerce na sociedade.

Por fim, com um profundo respeito e merecido reconhecimento, agradeço ao profissionalismo, paciência e companheirismo da professora Cristiane Finger, que em todos os encontros pôde me incentivar a gostar ainda mais do jornalismo, como também, a ser uma futura profissional mais consciente e responsável. Obrigada prof^a, por despertar a pesquisadora de dentro de mim e acreditar no meu potencial. Espero, mais uma vez, que possamos trabalhar juntas e descobrir novas maneiras de abordar a importância e evolução do telejornalismo nas comunidades.

RESUMO

Na presente monografia foi realizada uma pesquisa sobre a cobertura especial exibida pelo Jornal Nacional (JN), da Rede Globo, da enchente de maio no Estado do Rio Grande do Sul, em 2024. Com o objetivo de avaliar a importância das informações prestadas pelo então telejornal, foi desenvolvido por meio de revisão teórica, um estudo a partir do cenário em que o telejornalismo é visto pela sociedade brasileira na atualidade (Correia e Vizeu, 2008), assim como, a utilização de normas e regras que auxiliam na construção da notícia no campo jornalístico (Wolf, 2012). Também foi contemplado por intermédio de uma Análise de Conteúdo (Bardin, 2016) a observação de dados empíricos de 11 edições do JN durante a catástrofe climática, que tinham como objetivo analisar aspectos, como as entradas ao vivo, pautas, repetições de informações e imagens, além de repórteres e o tempo dedicado à tragédia. No trabalho foi realizado ainda um estudo sobre as Tecnologias do Imaginário (Silva, 2003; 2017), para analisar como a cobertura constrói o imaginário dos telespectadores mediante determinadas construções de narrativas. Verificou-se, que os resultados obtidos ao longo do estudo exprimem um esgotamento de informações e pautas sobre a catástrofe climática, além de falta de abordagem e conscientização das causas e consequências sobre a crise no RS.

Palavras-chaves: Jornal Nacional; telejornalismo; Tecnologias do Imaginário; Cobertura de tragédias; enchente.

ABSTRACT

This monograph presents research on the special coverage broadcast by Jornal Nacional (JN), from Rede Globo, of the May flood in the state of Rio Grande do Sul, in 2024. With the aim of evaluating the importance of the information provided by the then news program, a study was developed through a theoretical review, based on the scenario in which television journalism is viewed by Brazilian society today (Correia e Vizeu, 2008), as well as the use of norms and rules that assist in the construction of news in the journalistic field (Wolf, 2012). The observation of empirical data from 11 editions of JN during the climate catastrophe was also contemplated through a Content Analysis (Bardin, 2016), which aimed to analyze aspects such as live entries, agendas, repetitions of information and images, as well as reporters and the time dedicated to the tragedy. The study also included a study on Technologies of the Imaginary (Silva, 2003; 2017) to analyze how coverage constructs viewers' imagination through certain narrative constructions. It was found that the results obtained throughout the study express a lack of information and guidelines on the climate catastrophe, in addition to a lack of approach and awareness of the causes and consequences of the crisis in RS.

Keywords: Jornal Nacional; television journalism; Technologies of the Imaginary; Coverage of tragedies; flood.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1- Critérios de noticiabilidade.....	29
Figura 1- William Bonner e Renata Vasconcellos na bancada do Jornal Nacional.....	41
Figura 2- William Bonner no 1º dia de cobertura da tragédia climática no RS.....	43
Figura 3- Repórter local Maria Eduarda Ely durante entrada ao vivo.....	48
Figura 4- Repórter nacional Guilherme Balza durante entrada ao vivo.....	48
Figura 5- Repórter nacional Chico Rigueira durante entrada ao vivo.....	49
Figura 6- Infográfico mapa das cidades gaúchas.....	57
Figura 7- Centro Histórico de Porto Alegre.....	57
Figura 8- Caís Mauá.....	58
Figura 9- Aeroporto Salgado Filho.....	58
Figura 10- Infográfico escoamento d'água.....	59
Figura 11- Rodoviária de Porto Alegre.....	59
Figura 12- O cavalo Caramelo.....	60

LISTA DE TABELAS

Tabela 1- Tempo de cada edição do JN dedicado às chuvas no RS.....	45
Tabela 2- Tempo das pautas.....	51
Tabela 3- Repórteres locais com mais participações.....	53
Tabela 4- Repórteres nacionais com mais participações.....	53
Tabela 5- A repetição de informações.....	55

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 O PAPEL SOCIAL DA TV E DO TELEJORNALISMO NO BRASIL	11
2.1 O telejornalismo e a sociedade	15
2.1.1 A NARRATIVA DA NOTÍCIA TELEVISIVA.....	20
2.1.2 O CONCEITO DE NOTICIABILIDADE.....	25
3 AS TECNOLOGIAS DO IMAGINÁRIO E O IMAGINÁRIO NO JORNALISMO	30
4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	37
4.1 Descrição do objeto	39
4.1.1 O JORNAL NACIONAL.....	40
4.1.2 A TRAGÉDIA DAS CHUVAS NO RS.....	42
4.2 Análise do objeto	43
4.2.1 TEMPO.....	44
4.2.2 VIVO.....	47
4.2.3 PAUTAS.....	50
4.2.4 REPÓRTERES.....	52
4.2.5 REPETIÇÕES.....	55
4.3 A leitura dos indicativos da Análise de Conteúdo pelas Tecnologias do Imaginário	60
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	63
REFERÊNCIAS	67

1 INTRODUÇÃO

Ao longo dos mais de 70 anos desde que a televisão surgiu no Brasil, a população brasileira pode se deparar com outras realidades por meio da imagem e som que os produtos televisivos se propõem a exibir. Para Peixoto (2000, p. 31) “inegavelmente, a TV é o principal veículo de comunicação do sistema de comunicação de massa brasileiro” e o fascínio que até hoje exerce nos telespectadores, é potencialmente devido a “própria natureza do meio televisivo”, ou seja, a capacidade de encantamento que desperta a quem passa pela experiência visual. Ademais, a TV possui um fluxo audiovisual contínuo, que possibilita uma sensação de acompanhar a realidade, além de acesso à cultura e ao entretenimento.

Dentre os papéis mais relevantes exercidos pela TV, destacam-se o poder da informação por meio do telejornalismo, que de acordo com Vizeu (2008, p. 07), pode ser visto como um lugar de estruturas simbólicas que visam o auxílio da audiência com o entendimento da “produção”, “circulação” e “consumo” de sentidos. Logo, mediante o principal produto ofertado pelo jornalismo televisivo, as notícias, a população tem acesso às informações de caráter que afetam, e muitas das vezes, dizem respeito à vida delas. Nesse sentido, o telejornalismo acompanha diariamente histórias e eventos que impactam o dia-a-dia da sociedade, e por vezes, conseguem mobilizar toda uma população a fim de sensibilizar sobre algum acontecimento.

Com propósito de aprofundar e analisar o desenvolvimento do telejornalismo em grandes eventos, no presente estudo visa responder ao seguinte problema de pesquisa: Qual a importância das informações veiculadas ao longo da cobertura especial do Jornal Nacional na enchente de maio de 2024 no Estado do Rio Grande do Sul. Para isso, foram traçados os seguintes objetivos específicos: 1) Refletir sobre o papel desenvolvido pela TV e telejornalismo no Brasil; 2) Explorar os valores-notícias e critérios de noticiabilidade; 3) Analisar o desenvolvimento da cobertura da enchente no Jornal Nacional por meio de determinadas metodologias e categorias; e 4) Estudar como o telejornalismo age na construção de mecanismos no imaginário.

A partir desses critérios, o estudo apresenta 4 capítulos. O segundo capítulo, após a Introdução, aborda o espaço que a televisão ganhou ao longo do tempo na sociedade brasileira, e as atribuições desenvolvidas por ela que conseguem prender os telespectadores. Também, é refletido as funções que o telejornalismo exerce perante as comunidades e como são estruturadas as narrativas e valores que viabilizam o jornalismo televisivo de construir e

levar as informações até os domicílios. No capítulo 3 é realizado uma revisão teórica para aprofundar sobre a televisão como uma Tecnologia do Imaginário e como o imaginário social pode ser afetado pelo jornalismo, além das construções simbólicas que são formadas por esse meio.

O quarto capítulo viabiliza a descrição dos procedimentos metodológicos adotados pela pesquisa, a descrição do objeto de estudo, o que configura o Jornal Nacional. Aponta ainda, a história da tragédia climática no Rio Grande do Sul e desenvolve a análise desse conteúdo. Na análise do objeto são elaboradas 5 categorias (tempo, vivo, pautas, repórteres e repetições) que permitem uma melhor visualização e acompanhamento dos objetivos que o estudo se propôs. Após a Análise de Conteúdo da cobertura do desastre climático, é realizada uma nova observação sobre o desenvolvimento do imaginário do telespectador mediante o objeto de estudo.

Ao final, pretende-se contribuir de maneira significativa para o entendimento de como coberturas telejornalísticas intensas comportam-se ao longo de eventos que impactam um número grande de pessoas. Também, espera-se instigar com uma reflexão sobre como determinadas abordagens e maneiras de narrar acontecimentos e informações podem construir um imaginário com aspectos que podem agregar ou não ao cotidiano da sociedade. A análise do Jornal Nacional servirá como um exemplo do comportamento dos veículos tradicionais diante cenários que podem vir a se repetir, reforçando a importância do cuidado no momento da construção de narrativas que são capazes de servir como símbolos imagético para a sociedade posteriormente.

2 O PAPEL SOCIAL DA TV E DO TELEJORNALISMO NO BRASIL

A humanidade nunca esteve tão próxima de diferentes telas, com diversos tamanhos e dimensões. Elas não são utilizadas apenas para assistir ao mundo, mas para que cada um possa viver sua própria realidade. Em quase meio século a sociedade evoluiu da tela-espetáculo para a tela-comunicação, de apenas uma tela à inúmeras telas. Houve um momento em que apenas o cinema e a televisão eram conhecidos por essa virtude, porém com a evolução de computadores, o Sistema de Posicionamento Global (GPS), o telefone celular e a internet, não há mais uma fonte de imagem, e sim, inúmeras disponíveis à sociedade. Como resultado dessa ascensão, hoje é possível encontrar um universo de telas por onde se percorre, como bares, restaurantes, carros, aviões. O início do século XXI também fica marcado pela tela onipresente e multiforme (Lipovetsky; Serroy, 2009).

Cashmore (1998) defende que a televisão tem uma forte proposição de ser uma fonte de novidades, mudanças, e um grande estimulante. E como outros estimulantes em telas que existem, a TV também pode trazer algumas consequências, como a compulsão do hábito de assistir a ela, mesmo que não tendo o que assistir. Esse hábito pode ser vinculado ao fluxo que a televisão propõe ao telespectador, ou seja, apenas o hábito de estar exposto aquela quantidade de conteúdo passando em frente aos olhos, autoriza a quem estiver vendo “pensar em nada”, e que, pela imagem televisiva ser muito associada a momentos específicos do dia (após a janta, trabalho, estudo, etc) tende-se a criar um sentido de hábito e até mesmo vínculo. Por isso, Fachine (2006) associa esse hábito como um sentido primordial na presença da TV no cotidiano da sociedade:

Um sentido que sobredetermina todos os outros produzidos por meio dos programas e da programação; um sentido que não depende mais de uma relação do espectador com o que vê na tela e, cognitivamente, apreende, mas que ao contrário, reside numa experiência individual do sujeito que se deixa captar, esteticamente, pela tela (p. 02, 2006).

No Brasil a televisão ao longo das sete décadas passou por diversas transformações, diferente do seu início nos anos 50, quando era possível apenas visualizá-la na sala de casa da classe média alta, hoje, se torna uma tecnologia ubíqua e a mais fácil de encontrar nos domicílios de todas as camadas sociais. Diante dessa evolução, compreende-se que a tela que hoje pode ser plana, com ou sem internet, transcorreu por alguns períodos até chegar na atualidade. Para isso, Mattos (1990), evidência que a TV brasileira perpassou por quatro fases.

A primeira, conhecida como fase Elitista (1950-1964) que foi justamente reconhecida como um ciclo na qual a TV era um ‘brinquedo’ de luxo da alta sociedade, e que, nesse

momento, devido a programas disponibilizados em vários dias da semana, se consolidou o hábito de assistir a tela na sala de casa. A segunda fase, a Populista (1964-1975), passou a exercer também um papel comercial, e facilitou o surgimento de ídolos e pessoas de renome. Já na fase do Desenvolvimento Tecnológico (1975-1985), as telenovelas ganharam força e começaram a ser uma das principais características da televisão brasileira. Enquanto que a fase de Transição e Expansão Internacional (1985-1990) é marcada pela enorme competitividade entre as grandes redes do Brasil. Por fim, a fase da Convergência da qualidade digital se estende de 2000 a 2010. E hoje, encara-se outro período, a fase da Portabilidade, Mobilidade e Interatividade.

Para Bucci, (1997), a televisão no Brasil ainda pode ser apontada, como um sistema que fornece códigos pelos quais a população brasileira se reconhece, além de possuir uma dominância do espaço público, de uma maneira que sem ela, não haveria a prática da comunicação e o entendimento nacional. Ela ainda pode ser compreendida como um evento cultural e social, e que, se caracteriza como uma das maiores ferramentas de socialização e penetração na vida em sociedade. Além de possuir meios que auxiliam a sua relação com o público e as evoluções que percorrem o tempo:

[...] a televisão se apresenta com os mecanismos necessários para integrar expectativas diversas e dispersas, os desejos e as insatisfações difusas, consegue incorporar novidades que se apresentem originalmente fora do espaço que ela ocupa e, em sua dinâmica, vai dando contornos do grande conjunto, com um tratamento universalizante das tensões (Bucci, p. 12, 1997).

A TV ainda possui na atualidade, mais do que nunca, o poder de conectar o espectador no conhecimento de um número enormes de fatos, além de deixá-lo a par de problemas sociais e acontecimentos de diferentes povos e nações, ou seja, a TV através dessa ligação imediata no cotidiano brasileiro, possibilita uma sensibilização de um grande número de pessoas ao mesmo tempo (Ferrés, 1996). A relevância da televisão na vida dos brasileiros pode ser comparada até mesmo com o expressar da democracia, de acordo com Wolton (1996), a atividade social e cultural que a televisão possui pode ser igualada ao poder do voto, pois, além dele, ela é a única com poder de reunir uma participação coletiva tão grande. O autor ainda salienta, que a aliança presente entre a tela e o público é o que faz da televisão uma atividade pertencente à sociedade contemporânea.

Para se ter uma ideia, da importância e presença da TV dentro do território brasileiro na atualidade, em um último levantamento de 2023, foi possível analisar que o alcance da TV chega a 99,2% de domicílios brasileiros (Média, 2024). Neste mesmo estudo realizado pela

Kantar Ibope Media (2024) sobre o tempo em que os brasileiros passavam em frente à TV, foi constatado que esse número ultrapassava de cinco horas por dia, e que, houve um crescimento de 33% na penetração da televisão nos lares brasileiros¹. O que pode ser justificado segundo Bucci (1997), pelo percurso que essa tela consolidou ao longo dos anos no país, pois, foi a partir dela nos anos 70 que o público passou a enxergar sua autoimagem em constante construção com as telenovelas e os noticiários. E, portanto, ainda segundo o autor, a tela ajudou a organizar a sociedade através de parâmetros como a informação visual, a conversação do discurso político e a da opinião pública.

Para Wolton (1996), a ligação central da televisão com a sociedade pode ser vista a partir de duas dimensões: a imagem e o laço social que ela promove. Isto é, o divertimento e o espetáculo que as pessoas detém remetem a imagem, que evidência a dimensão técnica, já o laço social constituído, tem a ver com a comunicação, que faz parte da dimensão social que a tela expressa com o público. E por conta disso, a força e o sucesso da TV com os espectadores derivariam da união dessas dimensões, pois a técnica exerce uma função difusa de imagens relevantes de todos os gêneros e *status* (esportes, telenovelas, informação, espetáculos), e a dimensão social remete a recepção dos espectadores em condições sociais e culturais dissemelhantes. Mas o autor ressalta ainda, que a principal constância que leva esse laço social com a TV ser forte, é devido a participação de todas as classes sociais e pela televisão representar um espelho da nacionalidade.

Em contrapartida, Ferrés (1996), avalia que o sucesso da televisão ao conquistar o espectador se concretiza por meio de esquemas mentais, capacidades de compreensão, estruturas perceptivas e emoções já existentes no indivíduo que a consome. E que até mesmo a força do estereótipo pode contribuir para reforçar esse laço que o telespectador possui com a TV, e por isso, salienta que:

O poder da televisão como instrumento de penetração cultural baseia-se em grande parte na sua capacidade para a criação e potencialização de estereótipos sociais. O estereótipo é um recurso eficiente para alcançar o sucesso fácil porque pressupõe uma simplificação da realidade e para o espectador é mais confortável descodificar algo simples que algo complexo (Ferrés, 1996, p. 62).

O estereótipo até tende a ser visto como algo negativo, porém o autor reforça que ele pode ser um meio integrador e se apresentar de maneira positiva na representação de grupos

¹ Disponível em: <https://kantaribopemedia.com/inside-video-2024-2/?submissionGuid=28ef4b30-6e23-4972-8ec9-8707308177d0> . Acesso em: 27 ago. 2024.

minoritários, e através disso, fazer com que o público que esteja assistindo à televisão se torne mais pluralista e mais humano.

Apesar das características emocionais, de laços e significações, é o componente visual que consegue estabelecer essa dimensão que a TV possui com o público, pois é ele que causa o fascínio. A imagem é capaz de aumentar seu valor em relação à palavra, pois é mais fácil ao telespectador entender os códigos visuais que verbais (Porcello, 2008). Porém, a imagem em televisão para ser compreendida precisa necessariamente de contexto, é isso que a diferencia, por exemplo, do cinema, e a torna uma atividade de comunicação social.

Por conta disso, Wolton (1996, p. 69) entende que “dizer que não existem imagens de televisão sem contexto de produção e recepção enfatiza também a dimensão social da televisão”. Ainda de acordo com o autor as imagens possuem duas características: a de identificação e representação, que mesmo elas não sendo particulares da televisão, a partir do momento em que a TV é o principal meio de percepção das pessoas, se tornam também uma característica forte dela.

Outra particularidade televisiva que produz tamanha eficácia e poder diante o público, é a capacidade socializadora das informações que percorrem a televisão, pois elas agem diretamente no emocional de quem as consomem. Além disso, é a partir dessas informações que os espectadores possuem uma maior oferta de relatos e não de discursos, o que Ferrés (1996) entende como uma tática de sedução televisiva e que pode ser estabelecida a partir de alguns mecanismos, como a fragmentação seletiva, que prende os espectadores em ideias isoladas da realidade, o conforto interpretativo, na qual a televisão auxilia o espectador a entender de maneira reduzida a realidade a partir de suas expectativas, além da hegemonia emotiva e o adormecimento da racionalidade que evidenciam a TV como um potencializador das emoções.

Porém, para essas informações compartilhadas pela TV surtirem efeito socializador, é necessário entender que o papel da programação, ou seja, a organização, dentro dos canais televisivos, é um também fator importante. Wolton (1996) salienta que só a partir dessa ordenação de shows e espetáculos, é que o público consegue distinguir o que é de caráter informativo e o que é de caráter dos programas. Pois, a informação comove o cidadão como espectador, já que fala diretamente sobre o mundo e a realidade, entretanto, o resto dos programas (jogos, ficção, documentários) solicita apenas a presença do espectador. Já (Fechine, 2004) compreende que a programação da TV determina algumas atividades cotidianas e rege nossos horários, e que por meio dela, pode vir a se desenrolar uma forte atividade social portadora de sentido por si.

Nesse contexto, Cashmore (1998) sinaliza que apesar da televisão possuir uma configuração que atraia o telespectador, também acaba por estruturar as informações que recebemos. Nesse sentido, Maia (2011) salienta que no telejornalismo, elemento a ser debatido no próximo capítulo, as informações têm poder de cumprir além de laço social, um lugar de preservação das relações e até mesmo um controle social no que diz respeito a cultura e também a política da sociedade.

Portanto, Scolari (2014), entende que a tela da televisão ainda pode ser vista como um canal audiovisual que atinge um número significativo de pessoas diariamente, e consegue ser visualizada como uma das maiores experiências comunicacionais. Por conta disso, o autor salienta que a TV está passando por uma fase, a “hipertelevisão”, na qual os conteúdos, programas e sistemas televisivos acabam adotando recursos e características relevantes de outras modalidades de telas. Um exemplo disso, é a multiplicação de programas narrativos, a fragmentação de tela, a aceleração das histórias ao contá-las, além das narrativas em tempo real e expansão das mesmas.

2.1 O telejornalismo e a sociedade

Os meios de comunicação tendem a ser gestores das experiências cotidianas no contemporâneo, assumindo não só um espaço no agendamento político e cultural, mas também como agente unificador da sociedade. Através dessa mediação que ocorre, é possível produzir impactos na unificação de laços sociais e afetivos. Por isso, a unificação, muitas vezes pode ser maior do que familiares, de amizade, ou de pertencimento à espaços, como a igreja e escola. Nesse sentido, é importante reconhecer os noticiários televisivos como um grande agente e defensor público nas comunidades (Becker, 2006).

No Brasil, o telejornalismo desenvolveu-se juntamente com a televisão, e pela permanência da TV como um meio de comunicação com um crescente espaço nas residências brasileiras (Media, 2024), se enfatiza em ter no jornalismo seu principal gênero (Lordêlo e Vizeu, 2015). Com isso, na TV, o jornalismo assume o papel de reportar as informações, o que segundo Emerim (2015) tem como principal função mostrar acontecimentos relevantes, através de textos e imagens, e com uma narrativa clara, objetiva e sucinta. Nos dias de hoje, o telespectador ainda tem a possibilidade de encontrar diferentes telejornais, em diversas emissoras, com pontos de vista, dramatização, sensacionalismo e aprofundamentos variados.

Para Coutinho (2008), o jornalismo de televisão oferece uma vantagem sobre o jornalismo de outros meios de comunicação, pois possui o chamado “efeito presença”, pelo

fato de poder constituir uma narrativa do cotidiano e viabilizar uma imagem do presente sempre que solicitado. Os telejornais podem ainda, ser considerados como uma nova praça pública, pois é o espaço midiático na qual uma parcela da população brasileira estabelece como único momento de encontro no cotidiano com informações de perfil jornalístico (Coutinho, 2012). O jornalismo de TV pode ainda ser descrito, de acordo com Vizeu (2008), como um meio que organiza o mundo e facilita a construção e desconstrução de sentidos para quem o assiste:

Os telejornais cumprem uma função de sistematizar, organizar, classificar e hierarquizar a realidade. Dessa forma, contribuem para uma organização do mundo circundante. É o lugar em que grandes temas nacionais ganham visibilidade, convertendo o exercício da publicização dos fatos como a possibilidade prática da democracia. Todo esse processo se produz num campo complexo de construção, desconstrução, significação, ressignificação de sentidos (Apresentação [...], 2008, p. 07).

Becker (2006) salienta que o jornalismo televisivo, pode também possibilitar experiências coletivas e únicas. Além de nos últimos tempos, ter provocado mudanças em diversos aspectos, como na política, a partir do voto, quanto na maneira do próprio Brasil ser governado, o que evidencia um ganho de visibilidade do telejornalismo no cenário nacional. Ademais, a TV e seus noticiários conseguem garantir um território cultural seguro e acessível a maioria da população, onde todos podem experimentar sensações e sentimentos parecidos.

Apesar do telejornalismo exibir características de aspectos coletivo, social e cultural, ele possui funções vitais que auxiliam na relação do telespectador com o jornalismo televisivo, ou seja, é possível dizer que alguns elementos são essenciais e que auxiliam a manter o laço social (Wolton, 1996) vivo. Um deles, segundo Coutinho (2012), é em relação a confiança que se exerce entre jornalistas de TV e o público, segundo a autora, é essa crença estabelecida entre ambos, que faz do telejornalismo um redutor de incertezas quanto às informações e suas origens, e os graus de segurança dessas dúvidas, o que tende a evidenciar o jornalismo de TV como um sistema de significados compartilhados e organizador de relevâncias na sociedade.

Entretanto, Correia e Vizeu (2008) avaliam o papel do telejornalismo como uma espécie de conhecimento para o público. Esse conhecimento, de acordo com os autores, se destaca como uma forma de auxiliar a audiência em como interpretar, acompanhar, interagir com as informações, e não tem poder algum de substituição da educação formal e da família. Por isso, ela se apresenta em quatro funções. A primeira como exotérica, que tem como princípio trazer e tornar as narrativas e discursos mais compreensíveis a todas as

comunidades. Já a segunda função, a pedagógica, está presente no momento em que o telejornal consegue orientar a audiência em como se portar perante o texto e imagem televisiva, além de estabelecer nessa relação um maior entendimento das características desse gênero jornalístico. Com isso, o jornalismo de TV passa a exercer uma função de mediador de diversos ramos do conhecimento ao telespectador.

As duas últimas funções do telejornalismo são de segurança e familiarização, na qual Correia e Vizeu (2008, p. 19) nomeiam como “lugar de referência”, o que para os autores pode ser identificado como um conceito que dá “dimensão mais ampla ao jornalismo como uma espécie de lugar de orientação nas sociedades complexas que homens e mulheres recorrem para o bem e para o mal”. Com isso, as funções de familiarização e segurança, representadas pelo conceito de lugar de referência que o telejornalismo propõe à sociedade, são centradas em manter a crença, confiabilidade e seguridade, que se caracterizam por serem aspectos centrais para a sobrevivência do homem. Portanto, os telejornais podem ser considerados como um parâmetro de estabilidade e segurança à população.

Ademais, Correia e Vizeu (2008) analisam que há dois conceitos fundamentais que remetem a ideia de como é a relação do público com esse gênero jornalístico de TV. O primeiro deles, é através da “seguridade ontológica”, na qual diz respeito ao público sentir-se seguro pela maneira como o telejornal se expressa com ele, ou do jeito como é capaz de organizar o mundo em meio ao caos. Já o conceito de “objeto transicional”, reflete ao telejornalismo como uma “janela” para o mundo, manifestando que há vida lá fora e que segue tudo dentro do esperado, sem caos. É dessa maneira que o público estabelece a lógica de que as coisas são como são, porque foi através da TV e das funções exercidas por ela, que isso se determina.

Nesse aspecto, Becker (2006) salienta que o telejornalismo possui uma função política ao público, pois, ele tende a reordenar as experiências, além de dar conta dos principais episódios sociais do Brasil e do mundo, e que, tem poder de promover efeitos sociais, reforçar consensos e gerar transformações em sociedade. Ademais o discurso do jornalismo televisivo passou também a servir como um instrumento de cidadania, valorização da ética e justiça social, a partir do instante que mobiliza a opinião pública. Com isso, Becker (2006, p.94) evidência “os discursos dos telejornais como territórios simbólicos, integradores e singulares de experiência coletiva de realidade, de formação e expressão política, acessível a maioria da população, que refletem e influenciam as construções das identidades nacionais”.

Para além do lugar de referência, é necessário evidenciar que os efeitos de sentido do telejornalismo ao público podem ser obtidos de duas maneiras: pelo efeito de proximidade e

participação (Coutinho, 2012). E isso, na atualidade, tende a ser feito de maneira regular e bem mais diversa. Pois, de acordo com Cajazeira (2015), vive-se uma era da *plenty television*, na qual é disponibilizado opções multicanais, em que a audiência passa a ter ainda mais proximidade e participação com o telejornalismo, não só pela TV tradicional, mas por outras plataformas. À vista disso, é possível perceber a relação do telespectador e telejornal para além de ações individuais, mas como reativas, devido a essas novas maneiras de assistir ao jornalismo televisivo:

A relação entre o telespectador e o telejornal ocorre, na maioria das vezes, na forma reativa diante das trocas de informações, por meio de textos, sons e imagens do meio ambiente midiático. O foco se volta para a relação estabelecida entre os interagentes e não apenas às partes que compõe o espaço utilizado pela interação (Cajazeira, 2015, p.196).

Isso passa a caracterizar o público vigente que assiste ao jornalismo televisivo como um sujeito mais ativo, e que não assiste a programas com hora e data marcada, mas sim, como um indivíduo em mobilidade, aceitando um olhar de versatilidade em seu redor. Porém, mesmo que com o advento de novas telas e plataformas, apenas 22% da população brasileira tem acesso pleno à internet (Cetic, 2024)², que é fonte de conexão às novas maneiras de ver o jornalismo televisivo. Ou seja, ainda assim, é visto a importância da televisão tradicional nos dias de hoje, uma vez que não condena o acesso de informações e entretenimento como as novas mídias sociais (Becker, 2006). Ainda nesse aspecto, pode-se dizer que mesmo com a evolução de novas tecnologias, a televisão segue protagonista na referência de informações à população, isso é constatado quando ainda na atualidade o tempo de 80% das pessoas é dedicado a televisão tradicional, e apenas 18,2% a plataformas online (Media, 2024).

Apesar desse protagonismo da TV como referência de notícias, em uma última pesquisa feita pela Reuters Institute em 2022, foi observado que 54% dos brasileiros³ que consomem informações, fazem parte de um grupo que desenvolveu a chamado “rejeição seletiva de notícias”, deixando o Brasil em 3º lugar no ranking mundial. Ou seja, é uma audiência que faz pausas no consumo de notícias devido a um cuidado maior com a saúde mental. Ainda de acordo com o estudo, esse movimento que faz os espectadores rejeitarem ou se negarem a olhar e consumir notícias, está relacionado aos efeitos acumulativos de

² Disponível em: https://static.poder360.com.br/2024/04/estudos_setoriais-conectividade_significativa.pdf. Acesso em: 07 set. 2024.

³ Disponível em: <https://www.observatoriodaimprensa.com.br/jornalismo/evitar-noticias-e-uma-questao-jornalistica/>. Acesso em: 07 nov. 2024.

informações na atualidade, e pela exposição de temas sensíveis e situações estressantes pelos meios de comunicação, como crises climáticas, guerras e política.

Ainda sobre os efeitos de sentidos que o telejornalismo propõe à audiência, Correia e Vizeu (2008) salientam algumas operações e construções jornalísticas que auxiliam nesse processo. A primeira delas que ajuda a evidenciar a construção de realidade para o público, é a de atualidade. Isto é, o discurso do telejornalismo é um discurso da atualidade, não da forma cronológica quando o fato acontece, mas na maneira como o acontecimento é recortado, mediado e organizado no formato telejornalístico ao ser exposto à sociedade.

A segunda operação, é vinculada a objetividade, o jornalista televisivo procura ser direto e claro quanto às informações veiculadas, tentando relatar e reproduzir o caso o mais fiel possível. Já as operações de interpelação, mostram a ação de proximidade com o público sendo executada a partir do texto televisivo. Um dos exemplos, é a utilização dos pronomes “nós” ou das expressões “vamos conferir”, “nós vamos ver” mediadas pelo apresentador/locutor. Já nas construções de leitura, o discurso do telejornal é o principal meio para que a audiência consiga fazer elos associativos, é onde o jornalismo de TV convida a população a participar e entender o fato. Por fim, Correia e Vizeu (2008), salientam que os operadores didáticos, são utilizados de maneira que ampare a audiência quanto a tradução de informações mais técnicas, como a decifração de termos financeiros, judiciais, entre outros.

Cabe a essa última operação/construção, ser frisada por Silva e Vizeu (2016), como uma consequência de vários enquadramentos culturais, das práticas sociais, da cultura profissional e da linguagem que os telejornalistas estimulam para produzirem notícias. Ou seja, os jornalistas se preocupam em mostrar o telejornal de maneira mais didática possível para o público, e por conta disso, desenvolvem também ações didáticas exclusivas à linguagem, na qual se enquadram o processo da ambientação, que é quando é possível descrever o fato a partir da fala do locutor e completa-lo com imagens. O processo de contextualização visa estabelecer um cenário amplo de informações ao telespectador, para que ele entenda determinado acontecimento. Para não tornar a matéria ou reportagem redundante, utiliza-se o processo didático de complementariedade, por conta disso, são aplicadas as chamadas sonoras (entrevistas) no telejornalismo.

Para além disso, as ações de reforço e pausa/continuidade também são desenvolvidas pelos telejornalistas, elas auxiliam no processo de não deixar o espectador disperso, isso é, através de expressões e palavras utilizadas nos textos falados no telejornal, conseguem reafirmar e concretizar informações pertinentes. A didática de exemplificação é decorrente de temas com conteúdo difíceis de se explicar à população, mas que através de um exemplo que

aproxime da realidade da audiência, consegue-se fazer um efeito de entendimento simplificado. Porém, não só de processos didáticos ligados à linguagem que o jornalista consegue transmitir às notícias, o recurso didático de descrição em arte proporciona uma compreensão maior de informações técnicas ligadas a números, prazos e regras. (Silva e Vizeu, 2016). À vista disso, pode-se entender que o jornalismo está cada mais engajado em tornar as mensagens telejornalísticas coloquiais e tentando se aproximar ao máximo do telespectador:

O telejornalismo consegue esse feito de mexer com as pessoas, completando espaços vazios de suas consciências de mundo, formulando conceitos experimentados e ouvidos, desconstruindo e remexendo o baú de nossas lembranças de vida, porque coloca diante de nós questionamentos sobre nossas crenças e verdades naturalizadas, ou seja, nos coloca diante de um conhecimento (Silva; Vizeu, 2016).

No entanto, para que os efeitos da notícia, as operações jornalísticas e até mesmo o lugar de referência sejam manifestados no telejornalismo, é importante reconhecer o papel fundamental dos critérios e do estilo de narrativa utilizada nele, já que são esses elementos que dão o condicionamento às notícias que chegam através dos programas à audiência (Coutinho, 2006). Para Becker (2016), compreender a linguagem dos noticiários televisivos e a maneira como são utilizados a partir de uma organização e hierarquização também é um meio de evidenciar o telejornalismo como um produtor de sentidos e conhecimento.

2.1.1 A NARRATIVA DA NOTÍCIA TELEVISIVA

A sociedade encontra-se rodeada por um mundo comandado pelas imagens, muito desse aspecto, está ligado ao avanço das tecnologias. É perceptível ainda que as imagens possuem um poder de impacto muito grande, principalmente quando elas estão carregadas de informação e emoção. Além disso, os sentimentos aguçados por elas têm o poder de atrair, envolver, conquistar e conduzir para uma eternização na memória. Dessa maneira, a televisão exerce seu maior fascínio e característica, ou seja, viabilizar às pessoas a capacidade de enxergar o mundo lá fora. Porém, se a imagem estiver conectada a um bom texto, tem a potencialidade de superar a expectativa destinada apenas ao imagético (Paternostro, 2006).

E isso não seria diferente no jornalismo de televisão, quando o plano de expressão é composto por essas duas grandes formas de representação, a verbal e a imagética. Para Mota (2006), esses dois elementos compõem a narrativa telejornalística, e funcionam como símbolos divergentes. Na perspectiva da imagem gravada, ela representa o icônico. Essa estrutura

visual consegue ainda seguir uma sintaxe própria, destacada por planos, *closes*, e que acabam por contextualizar as ações relatadas. A palavra, representa o simbólico, e tem função de enunciar e interpretar. Ainda de acordo com a autora, as palavras que compõe o texto telejornalístico tem o objetivo de significação, e por conta disso, pode ser entendido também como uma forma de reafirmar e atualizar valores, comportamentos e formas de dar sentido à realidade.

No entanto, a narrativa no telejornalismo passou por mudanças ao longo do tempo. Emerim (2015), salienta que no Brasil, a evolução na maneira de narrar primeiro se concretizou entre 1950 e 1965, quando a linguagem era objetiva e formal, e os apresentadores utilizavam-se ainda da postura do rádio, e as notícias eram faladas de maneira mais impostada e direta. O uso das imagens era limitado, e a utilização da fotografia (imagem estática) era padrão em qualquer emissora da época. Isso não impediu desse período ser estabelecido de acordo com Emerim e Mello (2023, p. 222), como “a principal matriz do estatuto do real”.

A segunda fase da construção da narrativa do jornalismo televisivo, era tida como o período da própria televisão, pois é a etapa em que o imediatismo das informações começa. Além disso, foi nessa fase em que os editores dos telejornais passaram a se preocupar em conectar o texto e a imagem, e por conta disso, o jornalismo em televisão começou a ganhar suas próprias características de narrativa. Na terceira e última fase, as mudanças começam nos anos 90 e 2000, o jornalismo recebe o apoio do digital e concretiza alguns aspectos como: a linguagem ainda objetiva, mas informal e coloquial, o uso de imagens em tempo real ganha força, as simulações imagéticas também, além da narração de planos em movimento.

Para além do verbal e imagético, Partenostro (2000) evidencia que a partir desses dois atributos que compõe a narrativa no telejornal, é visto uma terceira característica, a língua falada. Ela tem a capacidade de amplificar o poder do texto, auxiliando a deixar claro e compreensível ao telespectador o sentido da informação. O que Sodré (2000) ressalta como uma contribuição para o discurso empregado na TV:

A linguagem oral contribui, então, para que o discurso televisivo cumpra uma de suas vocações básicas, [...] a função fática. Sem dúvida quanto maior a exigência de simulação de diálogo para se estabelecer e manter contato com o telespectador por meio de um programa de TV, maior é a necessidade de emprego de uma comunicação oral. A adequação da mensagem a esse tom de conversa, que reduz consideravelmente os efeitos negativos próprios de uma relação unilateral, aplica-se a qualquer tipo de programas, entre os quais os jornalísticos (2000, p. 58).

Visto que cabe a língua falada dar sentido a aproximação do telespectador com o telejornal, refere-se o papel das imagens em dar significado as mensagens em movimento.

Ademais, Mota (2006) reitera as imagens como um meio que evidencia códigos culturais, isto é, a partir das cenas em movimento, é possível remeter a características das pessoas, como as sexuais, raciais, étnicas, como também as de lugares, representando-os como cidade-campo, centro-periferia. Com isso, pela grandiosidade de códigos que exibem, as imagens acabam por acarretar em uma corrente contínua de significados, e cabe ao telespectador acatar uns e desconsiderar outros.

Em contrapartida, o papel exercido pelo texto contribui para a narrativa do telejornal em dar direção ao ouvinte entre os significados que a imagem produz. E que, a utilização de frases curtas, objetivas, com uma concordância coerente ajudam a conceder ainda mais sentido ao acontecimento narrado (Mota, 2006). Outro fator a ser destacado, é que o texto no telejornal é escrito para ser falado, e por isso, necessita ser conciso e preciso no momento de ser feito (Paternostro, 2006).

Dessa maneira, Mota (2006) analisa que é exatamente a partir da representação textual que se estabelece a narrativa telejornalística. Devido a isso, o texto da notícia pode ser compreendido de três maneiras que estão interconectadas. A primeira é através do plano de expressão, que se constrói a partir do código visual da TV, ou seja, são pré-estabelecidos pelos próprios telejornais estruturas visuais para programas e reportagens. Com isso, o telespectador teria mais facilidade em entender as ações que são desenvolvidas durante a apresentação da informação, seja ela através do *off* que com imagens mostra o contexto do fato e o personagem, ou da passagem que deve sempre respeitar o que o texto está anunciando.

O segundo plano idealizado pela autora é o da história, que está diretamente ligado ao significado que as imagens, personagens e o próprio texto podem soar ao telespectador. De acordo com essa perspectiva, o texto emite um significado de “efeito de real”, fazendo com que o público entenda os fatos narrados como verdadeiros e que falam por si só. Com a presença da imagem referenciando o texto, esse efeito é reforçado. Por fim, o plano da metanarrativa abrange os significados das notícias como um todo à audiência. Nesse sentido, os enquadramentos, os textos, as imagens, o código visual pode produzir ao final das informações sentidos que são capazes de construir identidades e estabelecer conceitos na sociedade.

Em uma outra análise mais aprofundada sobre a narrativa que apresenta um telejornal, Coutinho, I. (2006) compreende o texto no jornalismo televisivo como parte de uma estrutura dramática, e que, pode envolver tanto o imagético quanto a língua falada através de repórteres

e apresentadores, dos quais os telespectadores acompanhariam e seriam convidados a visualizar um drama cotidiano:

Assim, o que os telespectadores acompanham nos telejornais é uma soma de pequenas tentativas de repetição de alguns fatos amarrados pelos textos dos repórteres e apresentadores em uma ‘imitação da ação’ ou das ações humanas, tal como a definição de Aristóteles para a palavra drama [...] (Coutinho, I., 2006, p.106).

Para Pinto (2008), a dramatização pode também ser vista como um esforço para transformar uma narrativa ou história mais atraente e agradável. Sendo assim, Coutinho, I. (2006) ressalta algumas características que ligam esse conceito dramático ao telejornalismo. Entre eles, os critérios e valores notícias usados para a organização e seleção de histórias, a habilidade de desdobramentos e de dar origens a novos capítulos e histórias no telejornal, além da forma de organização das informações no jornalismo televisivo.

À vista disso, Coutinho, I. (2006) entende que há um conflito narrativo, do qual ela utiliza o conceito *pseudoconflito*, que aconteceria no momento da estruturação das notícias. Isto é, a partir de um conflito narrativo é que se consegue desenvolver uma história no telejornalismo, já que em volta dele constituem os personagens, destinos e ações. Dessa maneira, a autora reitera que sempre haverá uma crise a ser debatida a partir das pautas escolhidas ao telejornal. Porém, o conflito muitas vezes não precisa estar ligado apenas as histórias contadas e textos narrados, mas sim, na construção que o telespectador vai criar com a mensagem veiculada. Sendo assim, é a partir da pauta transformada em notícia televisiva, com características de mensagem audiovisual, com o encadeamento de imagens, entrevistas e a narração do jornalista, é que vai ser possível identificar e construir um pseudoconflito, e que, a apresentação dessa crise, tal como no drama ao público, seria uma maneira de solução do fato.

Entretanto, quando as notícias começam a ser televisionadas, Coutinho, I. (2006) expressa que os telespectadores ficam à mercê de uma “expectativa” do conflito narrativo. É a partir dessa expectativa em que os locutores e apresentadores prendem o público com seu texto e com suas palavras, para que fiquem acompanhando até o final o desfecho da história. Além disso, é possível ser identificadas “intrigas” que envolvem a narrativa telejornalística, sendo uma delas, a de destino, da qual o conflito pode ser narrado por qualquer pessoa participante da história, ou seja, qualquer fonte pode contribuir para enriquecer a pauta e trazer mais informações. As chamadas intrigas de personagem despertam assim como na

narrativa dramática, a necessidade do telejornalismo, mesmo que inconscientemente, de evidenciar o mocinho, o vilão, herói ou vítima da história.

Portanto, ao chegar ao final de uma notícia telejornalística o telespectador pode se deparar com uma narrativa de ação que apresenta uma lição de moral. Porém, Coutinho, I. (2006), ressalta que o telejornalismo é um ator social sujeito às mudanças, e que, o entendimento de dramaturgia refere-se a toda uma organização narrativa, e não exclusivamente ao texto do telejornal, visto que se deve levar em conta diversos elementos, como todas as ações desenvolvidas pelos jornalistas, as ideias e o espetáculo como um todo.

Em vista de conflitos, a narrativa no telejornal também se depara com a ideia de percepções diferentes do protagonismo e complementação da imagem com o texto. Coutinho, E. (2000) reflete que no Brasil a imagem no telejornalismo tem uma função primordial na ação de codificação das informações, e que, o texto tem um papel secundário, e se caracteriza como um simples complemento e auxílio do conteúdo visual. Porém, Paternostro (2006) evidencia que uma das características da televisão é a intensidade, e por conta disso, se o texto no telejornal não está bem desenvolvido não há chances de a imagem cumprir seu papel sozinha, pois, o telespectador ouve o texto através das palavras do apresentador apenas uma vez, e é nesse único momento em que consegue reter as informações e entender os fatos.

Mota (2006) por sua vez visualiza o texto telejornalístico como objeto que constrói a referência em imagem, dando-lhe características, mas ao mesmo tempo, salienta que o texto também só consegue se auto-construir a partir da imagem. Ainda segundo a autora, ambos possuem um papel de relatar o “real” ao telespectador, e que, apenas por conta dessa união é viável impulsionar o a audiência para dentro de cada história que se passa no telejornal:

No telejornalismo, imagem e texto interagem para a representação do real, criando efeitos de real e efeitos de sentidos. A imagem é editada de forma a legitimar o que o texto afirma ampliando o efeito de real e ambos – texto e imagem- produzem sentido sobre o acontecimento (Mota, 2006, p. 139).

Contudo, Emerim e Mello (2023) destacam que mesmo que um telejornal se faça por meio de textos, sons, palavras e imagens, é relevante saber que as produções também são norteadas por critérios e valores que possuem uma grande força sobre as notícias e informações que chegam pela televisão ao público. Ademais, Mota (2006) evidencia que o próprio processo textual no discurso do telejornalismo é apenas estruturado após o reconhecimento do valor-notícia de cada acontecimento. Valor esse, que é definido pelo estranhamento ou ruptura de algum evento.

2.1.2 O CONCEITO DE NOTICIABILIDADE

O mundo jornalístico presume uma referência de “normalidade”, porém é a partir da quebra dessa normalidade que o jornalismo consegue fazer da notícia um lugar de referência (Traquina, 2008). Por conta dessa ruptura, a denominação de noticiabilidade é um dos conceitos jornalísticos que possui investigação extensa e detêm diversos caminhos e perspectivas. De acordo com Wolf (2012), a noticiabilidade é a união de componentes dos quais, o aparato informativo comanda e gerência o volume e o tipo de fatos que servirão de apoio à seleção da notícia. Silva (2005) avalia ainda o conceito como qualquer característica que tem potencial de influenciar na escolha da notícia durante o processo de produção:

Todo e qualquer fator potencialmente capaz de agir no processo da produção da notícia, desde características do fato, julgamentos pessoais do jornalista, cultura profissional da categoria, condições favorecedoras ou limitantes da empresa de mídia, qualidade do material (imagem e texto), relação com as fontes e com o público, fatores éticos, e ainda circunstâncias históricas, políticas e sociais (2005, p. 96).

O início dessa perspectiva de estudos de que as informações passavam por determinadas camadas para chegarem com algumas características ao final do processo jornalístico, começou nos anos 50, com a Teoria do *Gatekeepers* por David Manning White (1950), que estudou o fluxo de notícias e quais “cancelas” faziam com que a informação fosse ou não escolhida. Dessa maneira, Wolf (2012) analisa que existem “zonas filtros” que são controladas, seja por regras de um grupo, ou de apenas um único jornalista (*gatekeeper*).

Em uma outra análise, foi possível identificar determinados “constrangimentos” organizacionais que os jornalistas passavam, e que, a empresa jornalística teria um papel central de influenciar no momento da seleção dos acontecimentos, e é nesse sentido que se evidencia a Teoria Organizacional de Warren Breed. Para Traquina (2005, p. 158), essa teoria salienta que “o jornalista sabe que o seu trabalho vai passar por uma cadeia organizacional em que seus superiores hierárquicos e os seus assistentes têm certos poderes e meios de controle”. Logo, a empresa jornalística nesse estudo, considera que a construção das notícias perpassa um controle organizacional. Por meio disso, o comunicador fica exposto a constrangimentos impostos no ambiente de trabalho, que estão relacionados a custos e lucros da empresa, afetando diretamente a apuração e elaboração dos fatos.

Apesar de estudos mais antigos, na atualidade alguns autores como Traquina (2008) e Wolf (2012) já desempenharam algumas análises referente ao processo de produção da notícia. E é por meio desse processo de produção que ao final, com a notícia, é viável mostrar

às pessoas a realidade, e por conta disso, são utilizados critérios no meio jornalístico. Para entender os critérios de noticiabilidade envolvidos no ambiente jornalístico, Traquina (2008), avalia-os como um “esquema geral” das notícias, e que, é através da existência desses critérios que o corpo jornalístico encontra os valores-notícias. Isto é, “os critérios de noticiabilidade são o conjunto de valores-notícias que determinam se um acontecimento, ou assunto, é suscetível a se tornar notícia” (Traquina, 2008, p. 63).

Wolf (2012), define os valores-notícias também pertencentes à noticiabilidade, e que, é por intermédio deles que é possível responder, quais acontecimentos são significantes, relevantes, importantes e que tem potencial para virar notícia. Além disso, o autor salienta que os valores-notícias são critérios propagados ao longo de toda produção do fato, e que, não estão presentes apenas na seleção das notícias, mas até mesmo nos processos posteriores, porém com relevâncias diferentes. O rigor exercido pelos valores-notícias pode ser considerado, portanto:

[...] da lógica de uma tipificação, destinada à realização programada de objetos práticos e, em primeiro lugar, a tornar possível a repetitividade de certos procedimentos. Sendo assim, os valores-notícias devem permitir uma seleção do material, feita apressadamente, de modo quase “automático”, caracterizada por um certo grau de flexibilidade e de comparação[...] (Wolf, 2012, p. 204).

À vista disso, Silva (2005) considera os valores-notícias como elementos que auxiliam principalmente no momento da seleção do fato, e que, a necessidade de estudar e se fazer pensar em critérios mostra-se relevante a partir da constatação prática, de que, não existe espaço de veiculação para os inúmeros acontecimentos que permeiam no cotidiano. E que, é nesse instante que os critérios avaliam se o acontecimento é digno de ter reconhecimento público. Importante salientar, conforme Santos (2018) que a utilização dos termos valores-notícias e critérios de noticiabilidade são duas das variadas nomenclaturas que foram utilizadas por vários autores em outros momentos do estudo da produção de notícias. Além disso, Traquina (2008, p. 96) avalia que “não há regras que indiquem que critérios tem prioridade sobre os outros, mas os critérios de noticiabilidade existem, duradouros ao longo dos séculos”.

Nesse aspecto, Traquina (2008) vai avaliar os valores-notícias em dois momentos, os que operam na seleção dos fatos e os que auxiliam na construção dele. Nos valores de seleção, o autor separa-os em duas categorias, a de critérios substantivos, que abordam a avaliação da notícia quanto a sua relevância e interesse, e de critérios contextuais, ligados diretamente ao contexto em que a informação está sendo feita. Diante disso, os critérios substantivos analisam que o valor do acontecimento ganha força quando está associado ao fator morte, pois

é fundamental para as comunidades e um motivo que pode explicar o “negativismo” no mundo jornalístico.

A notoriedade é outra característica importante, remete diretamente a quem está ligado ao acontecimento, ou seja, define se o indivíduo em questão tem notoriedade ou não. A proximidade também é relevante, pois as pessoas tendem a ficar mais impactadas com assuntos ligados ao seu dia a dia. Quanto a relevância e a novidade, elas se espelham no que impacta diretamente à sociedade, tentando focar sempre no que há de novo sobre o acontecimento. O fator tempo também está diretamente ligado ao novo, pois está entrelaçado com a atualidade.

Quanto a notabilidade, ela pode envolver dois fatores, como o número de pessoas envolvidas em um acontecimento, e a “anormalidade” que está muito associada ao clichê que utilizam para a definição do que é notícia “o homem que morde o cão, e não o cão que morde o homem”. O valor do inesperado é considerado aquele fato que rompe e surpreende o grupo jornalístico. Aos valores conflito e infração, envolve toda informação com alguma espécie de violência simbólica ou que agrida os direitos dos cidadãos, como a violação de regras.

Nos critérios contextuais, que são ligados ao contexto da produção, pode-se levar em conta a disponibilidade de tempo do jornalista, o equilíbrio que deve ter ao relatar um mesmo fato ao longo dos dias, a visualidade que vão atribuir àquele acontecimento, com fotos e imagens, além da concorrência com outras empresas jornalísticas. Aos valores-notícias de construção, os critérios dizem respeito a avaliação de elementos dentro do acontecimento, que são relevantes em ser colocados no momento de exposição da notícia. O primeiro deles é a simplificação, quanto mais objetivo e simples de contar for o fato, melhor.

A amplificação está relacionada a abrangência do acontecimento, quanto mais amplificado, mais chance de notoriedade. A relevância aborda a necessidade do jornalista em dar sentido à notícia para ser notada. Os três últimos critérios são a personalização, a dramatização e a consonância necessárias para os fatos serem notados. Isto é, a partir de características ligadas a valorização das pessoas envolvidas no fato, do reforço ao emocional, e de uma narrativa pré-estabelecida, é possível fazer com que o êxito do trabalho jornalístico ao fim seja grande.

Entretanto, de uma forma mais objetiva, Wolf (2012) compartilha os critérios de noticiabilidade também por meio de critérios substantivos, dos quais se espelham diretamente na relevância e interesse do fato. O primeiro deles, é a importância do indivíduo envolvido na notícia, que se refere justamente ao nível hierárquico que a pessoa ocupa, seja econômico, social ou político na sociedade. O segundo é o impacto e interesse nacional, da qual evidencia

notícias com características de valores ideológicos e interesses ao próprio país. A quantidade de pessoas envolvidas para Wolf, também é um fator importante, pois o impacto de um acontecimento que revela muitas vítimas ou participações tende a ser notado quase que instantaneamente. Por fim, a relevância quanto a evolução futura da notícia envolve principalmente acontecimentos com duração prolongada, e como será desdobrado.

Além disso, o autor (2012. p.14) ainda destaca critérios relativos ao produto e ao meio. Os critérios de noticiabilidade relacionados ao produto enfatizam a “disponibilidade de material” e “as características específicas do produto informativo”. O primeiro que o autor frisa é a brevidade da notícia, ou seja, as informações de um acontecimento devem ser breves, mas contemplar ao máximo as características do fato para chamar atenção do público. A notícia como resultado de uma ideologia de informação, é o segundo critério, e inclui todos os acontecimentos que conseguem romper o “curso das coisas”, e causar impacto no cotidiano.

A novidade também é incluída pelo autor, e estabelecida como critério a partir do entendimento do jornalista, de que, há fato novo e merece virar notícia. Dentro desse critério em específico, Wolf (2012) analisa que o comunicador entende a notícia como novidade por meio de dois critérios de operação: a novidade interna, onde o jornalista observa o fato, e se por ventura entende que é novo para ele, é também ao público. E pelo “tabu de repetição”, do qual o comunicador tende a descartar um acontecimento caso tenha características repetitivas ou igual a outra informação. É relevante destacar que essa repetição deve ser levada em consideração se o fato for importante e tem a necessidade de ser veiculado novamente. Ademais, nos dois últimos critérios relativos ao produto, encontra-se a qualidade das notícias, que implica quanto ao ritmo, linguagem, padrão técnico da história. E balanceamento, que abrange tanto o jornal em um todo, como também alguns aspectos ligados a coberturas geográficas e cuidado com as faixas etárias. Isto é, o balanceamento é um critério que repercute o interesse que os jornalistas têm em cobrir fatos de abrangência nacional, e o cuidado para torna-los próprios a todas as idades.

Quanto aos critérios relativos ao meio, Wolf (2012) interpreta que um bom material exposto, principalmente no meio televisivo através das imagens, é um fator que auxilia a construção e relevância da notícia. A frequência também é critério do meio, e entende-se que a informação deve ser exposta até ganhar consistência e forma para que o público assimile. Por fim, o formato em que o acontecimento é narrado, é considerado pelo autor essencial, já que é a partir dele que as notícias ganham capacidade de entendimento.

Quadro 1 – Critérios de noticiabilidade

Critérios substantivos	<ul style="list-style-type: none"> • Importância do indivíduo envolvido na notícia • Impacto e interesse nacional • Número de pessoas envolvidas • Relevância quanto a evolução futura da notícia
Critérios relativos ao produto	<ul style="list-style-type: none"> • Brevidade da notícia • A notícia como resultado de uma ideologia da informação • Novidade (novidade interna e tabu de repetição) • Qualidade da história • Balanceamento
Critérios relativos ao meio	<ul style="list-style-type: none"> • Fornecimento de um bom material • Frequência • Formato

Fonte: a autora (2024) adaptado de Wolf (2012)

Porém, é plausível destacar que a natureza dinâmica dos valores-notícias e critérios de noticiabilidade são mutáveis, e que mesmo sendo fortes influentes dentro da cultura profissional do jornalista, não é possível mantê-los sempre iguais. Ademais, um mesmo acontecimento pode carregar consigo vários valores e critérios de noticiabilidade (Wolf, 2012). Dessa maneira, a presente pesquisa considera os critérios elaborados por Wolf (2012) como a melhor perspectiva para a análise que deve suceder. Pois, de maneira clara e objetiva, a proposta do autor é a que mais se conecta ao estudo que será desenvolvido.

3 AS TECNOLOGIAS DO IMAGINÁRIO E O IMAGINÁRIO NO JORNALISMO

Os progressos e desenvolvimento de técnicas comunicacionais ao longo do século XX permitiram uma vasta reprodução de imagens, a partir de vídeos e fotografias, concedendo a essa época se tornar marcada como uma “civilização da imagem”. Com isso, a inflação de representações através dos meios de comunicação com suas oratórias, sintaxes e ordens de raciocínio sobre a imagem mental, possibilitou um maior entendimento sobre como a formação dessas representações cognitivas, sejam elas perceptivas, das lembranças, sonhos ou ilusões, eram obtidas na sociedade por meio das mídias (Durand, 1998). Nessa perspectiva, Silva, J. (2017, p. 24) avalia essa construção do imaginário como um excesso, que se soma a realidade, e que: “ não há garantia de que vá funcionar, e não se pode planejar a operação em todas as suas etapas, mas se pode produzir situações com alto potencial de geração de excessos capazes de formar imaginários”.

É nessa capacidade de formar experiências mentais que Silva, J. (2003) compreende que se estabelecem as tecnologias do imaginário. Dessa maneira, a mídia com seu poder informativo pode ser considerada uma tecnologia que possibilita o imaginário àqueles que a estejam consumindo, pois, reúne todas as características para ser vista como tal. Com isso, são listadas três fases de atuação das tecnologias na construção imaginal: a fase primitiva, fase industrial, fase pós-industrial e virtual.

Dentre o leque de meios de comunicação que possuem sentido no imaginário, e foi estabelecido na fase industrial, encontra-se a televisão. Através da instalação televisiva foi possível uma produção simbólica dos fatos em “escala planetária” por conta da chamada “revolução do vídeo” por Durand (1998). Por tanto, as tecnologias do imaginário são consideradas dispositivos de intervenção nas consciências e no campo afetivo, que produzem mitos de perspectivas de mundo e de modos de viver, em comunidades e pessoas que estejam perto ou distante das suas atuações. Assim, Silva, J. (2003, p. 20) por meio de pensamentos de escritores como Maffesoli, Morin, Foucault e Debord, também observa as tecnologias como um mecanismo de produções simbólicas.

As tecnologias do imaginário são dispositivos (Foucault) de intervenção, formatação, interferência e construção das “bacias semânticas” que determinarão a complexidade (Morin) dos “trajetos antropológicos” de indivíduos e grupos. Assim, as tecnologias do imaginário estabelecem “laço social” (Maffesoli) e impõem-se como o principal mecanismo de produção simbólica da “sociedade do espetáculo” (Debord) (2003, p. 20).

À vista disso, esses dispositivos que geram intervenção nas consciências veem o laço social citado pelo autor como “cimento” à vida em comunidade, e que, se atualiza pela capacidade de partilhar valores, imagens admiradas em conjunto, emoções e sentimentos fortalecidos pela comunhão, ou seja, de acordo com Silva, J. (2003, p. 21) “não há laço social sem imaginário”. Para Maffesoli (2001), as tecnologias do imaginário podem ser vistas como criadoras de imaginário. Essa tecnologia, segundo o autor, estimula e alimenta a “técnica”, isto é, o imaginal, além de estabelecer relações e signos, dos quais a televisão se encontra. Para além disso, Durand (1998, p. 33) entende a mídia, entre ela a TV, presente em todas as representações e “psique” da sociedade.

A imagem mediática está presente desde o berço até o túmulo, ditando as intenções de produtores anônimos ou ocultos: no despertar pedagógico da criança, nas escolhas econômicas e profissionais do adolescente, nas escolhas tipológicas (a aparência) de cada pessoa, até nos usos e costumes públicos ou privados [...] (1998, p. 33).

No entanto, Silva, J. (2003) destaca que as tecnologias do imaginário não devem ser vistas e associadas como meios de manipulação dos sentidos e pensamentos. Segundo o autor, a sociedade, principalmente ocidental, desenvolveu dispositivos informacionais que conseguem reproduzir o máximo possível de símbolos e representações, além de fabricar o olhar interior. Mas, que, essa “fabricação” não pode e nem deve ser vista como controladora do imaginário. Isto é, as tecnologias do imaginário têm a intenção apenas de seduzir quem as consome. Pois, a manipulação enxerga o receptor como passivo de persuasão, funciona por meio da crença racional de que o destinatário não possui filtros perceptivos e não tem capacidade para impor suas próprias ideias. Na manipulação, todo indivíduo é visto como objeto e submisso. Em contrapartida, a sedução defendida pelo autor nas tecnologias do imaginário, é imaginal por origem e implica a aceitação do receptor com o imaginário emanado pelo meio de comunicação, e que, essa sedução aprofunda cada indivíduo nas “ondas da interatividade lúdico/emocional” (Silva, J. 2003, p. 27).

Em vista dessa importância que o imaginário ocupa na televisão como tecnologia, e nos outros meios comunicacionais. Salienta-se aqui reforçar o significado do imaginário como um produtor de sentido e símbolos. Logo, Silva, J. (2003) evidencia duas concepções que marcam a essência do que seria o imaginário. A primeira pode ser entendida em um sentido mais convencional: o imaginário seria o oposto ao real, uma vez que pela imaginação representaria esse real, deturpando-o, estruturando-o e organizando-o simbolicamente. Na interpretação antropológica, o imaginário é uma língua, e seria por meio dele que aconteceria

a absorção do real pelo indivíduo. Além disso, a sociedade conseguiria exercer e alterar o imaginário a partir da aceitação e entendimento de suas regras, como a fala imaginal, ocorrida através das vivências de cada pessoa, e por se perceber como um agente imaginal. Ou seja, que atua provocando mudanças no imaginário do mundo e de outras pessoas.

Portanto, toda pessoa submete-se a um imaginário que já existe, e consegue ser criador de outros. Em tempos de muitas imagens espalhadas pela mídia, o conceito do imaginário deve ser visto muito além de um conjunto de fotografias mentais, ou um “museu” de lembranças individual ou social. Muito menos ser relacionado ao teor artístico da imaginação. Mas, como um reservatório.

O imaginário é um reservatório/motor. Reservatório, agrega imagens, sentimentos, lembranças, experiências, visões do real que realizam o imaginado, leituras da vida e, através de um mecanismo individual grupal, sedimenta um modo de ver, de ser, de agir, de sentir e de aspirar ao estar no mundo. O imaginário é uma distorção involuntária do vivido que se cristaliza como marca individual e grupal. Diferente do imaginado - projeção irreal que poderá se tornar real -, o imaginário emana do real, estrutura-se como ideal e retorna ao real como elemento propulsor (Silva, J. 2003, p. 12).

Nesse contexto, o imaginário para Silva, J. (2003) se idealiza como um motor, pois é um sonho que faz a realidade acontecer, que impulsiona a sociedade e imprime velocidade, que faz o ator social agir nas correntes imaginárias. E como reservatório, pois é avaliado como uma espécie de “impressão digital” de cada indivíduo no mundo. O autor entende ainda, que a construção do imaginário individual se elabora essencialmente a partir da identificação de si no outro, pela vontade de ter o outro em si e pela reformulação do outro para si. Por meio disso, se estabelece o imaginário social que acontece principalmente por contágio, isso é, o indivíduo aceita a modelação imagética feita por outro, assimila e imita. É relevante destacar que sempre tem “desvios” a partir da assimilação feita.

Para Maffesoli (2001), o imaginário só acontece coletivamente, e é um estado de espírito de uma sociedade ou de um Estado. E a partir dele pode-se instituir vínculo, ou seja, se o imaginário liga e contempla um mesmo espaço, não deve ser entendido como um processo individual. Na visão ideológica, o autor acentua que não é possível considerar o aparelho imaginário como uma ideologia inconsciente. Pois, a ideologia tem uma capacidade racional muito elevada, e suscetível a argumentação. Por outro lado, o imaginário por mais árduo que seja decifrá-lo, possui um pouco de racionalidade, mas apresenta outros componentes que o diverge do sistema de ideologia, como o lúdico, o afeto, a fantasia, o irracional, ou tudo aquilo que potencializa as construções mentais. Dessa maneira, Maffesoli (2001, p. 77) interpreta que “o imaginário é também a aura de uma ideologia, pois além do racional que a compõe, envolve uma sensibilidade, o sentimento, o afetivo”.

Ademais o imaginário também não cabe ser observado como cultura de uma sociedade ou ator social, pois não se reduz a ela, e possui certa autonomia. A cultura é passível de uma série de manifestações e componentes que possuem descrição. Além disso, pode ser reconhecida de maneira precisa, através de suas obras e da música, literatura, como sentido mais restrito. Porém, o imaginário possui algo que não pode ser avaliado, e não se reflete como um elemento racional, sociológico ou psicológico.

De acordo com Durand (1998), o imaginário é um “conector obrigatório” onde se forma a representação humana em qualquer aspecto. Com isso, o autor entende que por meio de estruturas coletivas limitadas a três classes, o imaginário se constitui. Sendo elas, a de separação, inclusão e disseminação das imagens de uma determinada narrativa. Para além disso, Durand (1998, p. 36) revela que “qualquer manifestação da imagem representa uma espécie de intermediário entre um inconsciente não manifesto e uma tomada de consciência ativa”. Logo, o imaginário passa a ocupar um espaço fundamental nos fenômenos mentais dos indivíduos. E que, o funcionamento dos pensamentos humanos vai além da percepção imediata das coisas, revelando que as experiências perpassam pelo inconsciente e irracional.

Entre as comparações que fazem o imaginário ser melhor compreendido, está a com o real. Silva, J. (2017), reforça que o imaginário atua como um acréscimo ao real, e que, só há imaginário uma vez que existe o real. Em vista que o real é a vida sem levar em conta as experiências cotidianas, o imaginário será sempre um processo sentimental, ou o “encantamento” de tudo que há. Assim sendo, o imaginário é o que coloca sentido na realidade cotidiana e se habilita como um escape não planejado do mundo. Dessa maneira, Silva, J. (2017, p. 29) reitera por meio de uma vasta comparação o papel de cada um na sociedade, avaliando que “[...] o real informa, o imaginário comunica, o real descreve, o imaginário escreve, o real realiza, o imaginário simboliza, o real expõe, o imaginário depõe, o real objetifica, o imaginário subjetiva, o real afirma, o imaginário opina [...]”. Porém, mesmo que com a necessidade do real e do imaginário para ambos existirem e se complementarem, é visto que, principalmente, a função desenvolvida pelo imaginário à sociedade é de suma importância.

Não há sociedade sem imaginário. Dele fazem parte os deuses, os heróis, os infernundos, os submundos, as estrelas e, principalmente, embora não pareça, as pequenas transfigurações do cotidiano que garantem ao real a sua permanência. Sem o imaginário, o real se tornaria facilmente insuportável (Silva, J. 2017, p. 29).

No cenário das tecnologias do imaginário, o imaginário abdica de ser um processo e passa a ser considerado como instrumento, técnica ou ferramenta que dá suporte ao

entendimento do mundo em que cada indivíduo vive e compartilha. Através disso, as tecnologias auxiliam as comunidades a ter uma imaginação a partir do olhar, e ter um olhar a partir da imaginação. Ou seja, a visão contempla o mundo por meio das lentes e imagina o que os olhos veem (Silva, J., 2003).

É dessa maneira que também pode se entender o papel do jornalismo na formação do imaginário social. Para Tacussel (2006), o imaginário social, assim como Maffesoli, possui um sentimento coletivo, devido a emoções, crenças, sensações e tudo aquilo que é compartilhado de um indivíduo para o outro. Além disso, esse espaço seria transformado por meio da troca de ideologias e crenças, o que acarreta na formulação de imagens específicas sobre determinado assunto ou acontecimento. Por isso, seguindo essa mesma lógica, Silva, G. (2010) evidencia que o vínculo entre o jornalismo e o imaginário social se contempla exatamente por meio do aspecto coletivo. Pois, a comunicação noticiosa é também de origem social e coletiva.

Na visão de Silva, J. (2017), todo imaginário é comunicação, e o jornalismo possui uma função fundamental na formação imaginal, já que, se estabelece na sociedade como uma das maiores fontes discursivas que tem poder de construir sentido. Ainda nessa perspectiva Silva, J. (2009), entende que a partir das técnicas jornalísticas utilizadas ao longo da produção da notícia (apuração, reconstrução do acontecimento, dramatização da narrativa) é que se pode afetar o imaginário na sociedade. Ou seja, a produção jornalística tem a capacidade de fabricar olhares sobre o mundo.

De acordo com o autor, até mesmo os valores fundamentais do jornalismo podem estar relacionados com o imaginário agregado à sociedade. Isso porque entende-se que como o imaginário social está estrelado a subjetividade de cada um, a imparcialidade, a neutralidade, a isenção e a objetividade do jornalista estariam comprometidas. Isto é, visto a capacidade de muitas pessoas poderem mentir, deturpar e manipular os sentidos das informações no cotidiano, poderia afetar diretamente na criação do imaginário social construído pelo jornalismo à população.

Porém, essa subjetividade se expressa por meio do imaginário social, e não é sinônimo dele, logo, é um mito que na formação do imaginário social o jornalismo não possa exercer seus valores de maneira correta. E para isso, é necessário considerar que mesmo esses princípios jornalísticos sendo difíceis de serem praticados, não é impossível. E por conta disso, podem se construir por meio de dois planos mentais: o inconsciente e o consciente.

A neutralidade pode perfeitamente acontecer no plano da consciência racional: entre dois elementos, não se escolhe qualquer um. Essa neutralidade pode ser vista como indiferença. Pode, contudo, ser também uma decisão racional que contrarie uma inclinação profunda e inconsciente. A isenção é ainda mais praticável: diante de uma situação capaz de contrariar seu ponto de vista, o observador isento luta consigo mesmo e admite o que o frustra ou agride (Silva, J., 2017, p. 32-33).

Segundo Benetti (2009), além desses valores e dos critérios jornalísticos já discutidos no capítulo anterior, até mesmo as notícias emergem do imaginário do jornalista, não exatamente do “seu” imaginário, já que ele não é construído individualmente, mas daquilo que faz o jornalista mais humano. Com isso, o comunicador oferece as suas observações para construir a notícia, e são a partir delas que o imaginário fornece uma “moldura” que vai carregar elementos lógicos, emotivos, inconsciente e narrativos. Dessa maneira, com a junção do imaginário e processos racionais, o jornalismo consegue criar as chamadas imagens arquetípicas e instituir uma imaginação social sobre cada notícia e fato. É na formação de imagens arquetípicas que autora (2009, p. 296) entende o “eixo longo do jornalismo”, é a partir desse eixo que “faz do jornalismo um discurso único, insubstituível, repleto de sentidos que vão além de meros eventos”.

À vista disso, Silva, G. e Soares (2013) observam que o jornalismo é composto por narrativas que produzem o imaginário social. E por meio disso, estabelecem a função desse profissional como um tradutor de sentidos. Na visão das autoras, as produções jornalísticas sendo uma tradução dos fatos estão diretamente inseridas na construção simbólica da sociedade, ou seja, o jornalismo como tradutor da realidade também é formador do imaginário. Além disso, Silva, G. (2010, p. 249), reforça a função exercida pelo jornalismo como uma “expressão do imaginário social”, com uma gramática específica e atuação que atravessa concomitantemente a técnica e sociedade.

A autora ainda avalia a importância específica do relato jornalístico na formação do imaginário, e considera que a notícia é o ambiente de expressão do imaginário social e é carregada do mesmo. Além disso, esse imaginário social pode ser compartilhado por todos os indivíduos envolvidos na construção dessa notícia, sejam, editores, leitores, repórteres. Com isso, por meio da construção do imaginário, o jornalismo pode ser visto como:

locus fecundo de observação desses vestígios imaginais, uma vez que as notícias trazem para a vida cotidiana toda a diversidade do mundo, da política e economia à arte e entretenimento, incluindo as próprias ocorrências ordinárias, do dia a dia (Silva, G. 2010, p. 249).

Portanto, pode-se perceber o jornalismo como uma tecnologia de constituição e elaboração de imaginários sociais. Além de uma fonte que sustenta com o imaginal o dia a dia contemporâneo, e se auto alimenta desses imaginários (Silva, G. 2010).

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Considerando os aspectos acima elencados, o presente estudo constitui-se de uma abordagem de natureza qualitativa, pois entende-se que os resultados podem ser analisados de maneira subjetiva. Ademais, a pesquisa será desenvolvida por meio do método de Análise de Conteúdo (AC) desenvolvida por Bardin (2016). Para a autora (2016, p. 15), a Análise consiste em “um conjunto de instrumentos metodológicos cada vez mais sutis em constante aperfeiçoamento, que se aplica a “discursos” (conteúdos e continentes) extremamente diversificados”. Dessa maneira, o principal fator comum desse método é a interpretação dos sentidos do objeto de estudo, por meio da “inferência”. Isto é, a partir da aplicação metodológica que consiste a AC, o pesquisador consegue contemplar de forma mais subjetiva os resultados da pesquisa.

Além disso, a Análise de Conteúdo delimita-se entre dois polos, o do rigor da objetividade e subjetividade. Com isso, o pesquisador é convidado a descobrir o “latente”, aquilo que não está diante de uma primeira leitura, e necessita uma maior pesquisa. Logo, Bardin (2016) reforça que a AC é um instrumento essencial para ser utilizado em pesquisas de comunicação.

A Análise de Conteúdo é um conjunto de técnicas de análise das comunicações. Não se trata de um instrumento, mas de um leque de apetrechos; ou, com maior rigor, será um único instrumento, mas marcado por uma grande disparidade de formas e adaptável a um campo de aplicação muito vasto: as comunicações (2016, p. 37).

Para além disso, é necessário reconhecer esse método como um proporcionador de conhecimento não só de ordem sociológica, mas também histórica e psicológica. Desse modo, o presente trabalho procura por meio da Análise de Conteúdo, investigar o que está escondido por de trás de determinadas mensagens do objeto de pesquisa escolhido. Com isso, segundo Bardin (2016) o objetivo da pesquisa por meio dessa metodologia, é de superar incertezas quanto às dúvidas e pré-conceitos estabelecidos ao elemento de pesquisa, e obter um enriquecimento da leitura, já que se deve descobrir estruturas que afirmam ou invalidam “o que se procura demonstrar a propósito das mensagens, ou pelo esclarecimento de elementos de significações suscetíveis de conduzir a uma descrição de mecanismos de que *a priori* não possuíamos a compreensão” (2016, p. 35).

Assim sendo, a vigente pesquisa seguirá os “três polos cronológicos” requisitados pela autora no desenvolvimento da análise. O primeiro consiste por meio da pré-análise do

material de estudo, da qual é caracterizada como a fase da organização. É um período marcado pela intuição do autor, e tem como propósito conduzir ideias para se tornarem “operacionais” e “sistemizadas”, a fim de auxiliar no desenvolvimento de ações posteriores a essa fase. Com isso, esse primeiro passo da AC possui três objetivos: escolher os documentos devidos para a pesquisa, formular hipóteses e objetivos, além de indicadores que embasam a interpretação final do estudo (Bardin, 2016).

Devido a isso, serão executadas uma série de atividades. A primeira delas consiste na “leitura flutuante”, da qual a presente autora deve obter as primeiras impressões em relação aos conteúdos do objeto de estudo, e deixa-se levar por intuições e percepções. Após essa etapa, deve-se escolher o que de fato será estudado, e por consequência, o *corpus* que é avaliado como “[...] documentos tidos em conta para serem submetidos aos procedimentos analíticos” (Bardin, 2016, p. 126). É a partir dessa escolha específica do material que deve ser analisado, que são estabelecidas regras e escolhas, ou seja, é necessário levar em conta todo o universo presente no objeto de estudo designado. A formulação de hipóteses e objetivos é a fase seguinte. As hipóteses correspondem às “afirmações provisórias”, é a partir delas que a pesquisadora vai conseguir confirmar ou não as percepções em relação ao conteúdo submetido na análise. Quanto aos objetivos, eles são as “finalidades gerais” da qual o estudo se compromete a traçar para atingir os resultados.

A quarta fase na pré-análise, se estabelece por meio da elaboração de “indicadores” ou “categorizadores” que são essenciais para a interpretação do fenômeno pesquisado. Para isso, a autora presente avalia se há índices nos textos do objeto que devem ser explicados na análise, e por meio da “organização sistemática” deles, irá se obter os indicadores precisos e seguros. Destaca-se ainda que esses indicadores ou categorizadores podem ser de origem semântica (categorias temáticas), sintática (os verbos e adjetivos), léxico (classificação das palavras segundo seu sentido), e expressivo (as perturbações de linguagens).

Ao final, o material escolhido passa pela fase de preparação, e se necessário, adquire uma “edição”, que “pode ir desde o alinhamento dos enunciados intactos, proposição por proposição, até à transformação linguística dos sintagmas, para padronização e classificação por equivalência” (Bardin, 2016, p. 131).

Finalizada a primeira parte da Análise de Conteúdo, é necessário avançar ao segundo polo cronológico, a exploração do material. Nesse momento, será efetuada a aplicação sistemática das decisões feitas na pré-análise. Devido a isso, Bardin (2016, p. 131) salienta que “esta fase longa e fatigosa, consiste essencialmente em operações de codificação, decomposição ou enumeração, em função de regras previamente formuladas”. Por fim, no

último polo, serão concebidos o tratamento dos resultados obtidos e a interpretação deles. É quando se destacam os efeitos produzidos pelo objeto da análise, as provas de validação e a interpretação do material coletado.

Com estas inferências da AC é possível, numa nova etapa de análise, verificar como a cobertura jornalística constrói o imaginário dos telespectadores sobre o tema. Dessa maneira, a presente pesquisa visa utilizar-se do âmbito de estudo das Tecnologias do Imaginário (Silva, J. 2003, 2017) já descrito acima, para uma análise mais detalhada, e ao mesmo tempo, global dos indicativos e dados construídos a partir da Análise de Conteúdo.

4.1 Descrição do objeto

Visto que o telejornalismo se destaca por abranger um espaço cada vez maior na escolha das pessoas que querem informação, e ser visto como um lugar de referência sobre o “caos” que o mundo oferta na sociedade brasileira. É relevante reforçar que o jornalismo televisivo por meio de todas as suas características (texto, som, imagem) consegue desempenhar a função de auxiliar a audiência em meio a temas que possam ser marcantes e relevantes. Como analisado por Correia e Vizeu (2008), é dessa maneira que o papel do telejornalismo se estabelece como pedagógico e exotérico, pois consegue abordar narrativas e discursos tensos, e transformá-los acessíveis a todas as comunidades. Além disso, o telejornalismo reflete como uma “janela” para o mundo, e é com ele que a população estabelece ou imaginam o porquê das coisas ser como são.

Diante disso, o presente capítulo visa aprofundar-se na cobertura telejornalística realizada no Jornal Nacional (JN), da TV Globo, em meio a tragédia das chuvas, em maio de 2024 no Estado do Rio Grande do Sul (RS). Ademais, a autora do presente estudo aspira detalhar o acontecimento, entender as principais dinâmicas conduzidas pelo telejornal, e analisá-los a fim de compreender o impacto ao público que assistiu à toda a tragédia por meio do objeto de estudo. Ao fim, pretende-se obter resultados que possam auxiliarem em outras pesquisas sobre o tema.

4.1.1 O JORNAL NACIONAL

Ao longo de 55 anos o Jornal Nacional, principal telejornal da Rede Globo, se destaca pela liderança de audiência⁴ e a formalidade no apresentar as notícias. Apenas quatro anos após a inauguração da TV Globo, no Rio de Janeiro, no dia 1º de setembro de 1969, começa a transmissão do primeiro telejornal que contempla todo Brasil. Na época, com duração de 15 minutos, o JN era transmitido de segunda a sábado, e dividia-se em três partes: a local, nacional e internacional. As equipes ainda tinham grandes dificuldades técnicas, devido à falta de sofisticação nos equipamentos. Nesse início o foco era em matérias testemunhais, e se diferenciava da concorrência por terminar as edições com conteúdo leve e pitoresco (Memória Globo, 2004).

Dessa maneira, por se tratar do primeiro telejornal a ser exibido para o país inteiro, a equipe de telejornalismo da Globo foi a primeira do país em desenvolver o conceito de noticiário nacional, por meio disso, criou-se os critérios de como as matérias deveriam ser desenvolvidas. Com isso, os conteúdos tinham de abranger o interesse geral da população e alcançar os diversos cantos do país, sempre pensados para repercutir e beneficiar a todos que assistiam ao jornal (Memória Globo, 2004).

Na atualidade, o Jornal Nacional é apresentado por William Bonner e Renata Vasconcellos, e possui cerca de 45 minutos de exibição, de segunda à sábado. Conta ainda com notícias de diversas editorias, como política, economia, segurança, internacional e de serviços. Porém, o programa jornalístico já passou por diversas mudanças ao longo do tempo, modernizando o cenário, inovando em vinhetas, além do grande número de polêmicas e crises com relação a credibilidade, e queda de audiência⁵. Mesmo com esses desafios, o JN segue sendo o principal telejornal do Brasil e modelo de referência em jornalismo de televisão, além de ser importante para a história política, econômica e social do Brasil (Gomes, 2012). Ademais, o Jornal Nacional caracteriza-se por tratar temas factuais e de impacto, e por isso, “[...] procura apresentar esses temas com a linguagem apropriada ao veículo: com texto claro, para ser compreendido ao ser ouvido uma única vez, ilustrado por imagens que despertam o interesse do público por eles” (Bonner, 2009, p. 13).

⁴ Disponível em: <https://natelinha.uol.com.br/televisao/2023/03/29/jornal-nacional-cresce-no-ibope-pelo-brasil-em-2023-195623.php> . Acesso em: 30 set. 2024.

⁵ Disponível em: <https://www.terra.com.br/diversao/tv/audiencia-da-tv-em-queda-prejudicou-muito-mais-outras-emissoras-do-que-a-globo.a5d91de953b6cb2613bfcfb01a8db7e7u2g40c9n.html> . Acesso em: 30 set. 2024.

Figura 1 – William Bonner e Renata Vasconcellos na bancada do Jornal Nacional



Fonte: Jornal [...], 2024c, 00:48s.

Dessa maneira, Gomes (2005) compreende que a “conversação social”, seria a maior característica que o JN tem em relação ao público, pois funcionaria como um telejornal que “alimenta” o diálogo cotidiano mediante tragédias ou denúncias. Com isso, a autora evidencia que:

O modo como o JN apresenta seus mediadores, como organiza, e distribui as notícias, os recursos técnicos, que põe a serviço do jornalismo, os recursos da linguagem televisiva, os formatos de apresentação da notícia, sua relação com as fontes de informação, o texto verbal propõe à sociedade brasileira, ao mesmo tempo, um pacto sobre o papel do jornalismo e uma perspectiva sobre a identidade nacional (Gomes, 2005, p. 01).

Outro diferencial do JN é não só pela potência técnica, mas também pelo poder econômico, e pelo grande número de afiliadas e filiadas à emissora, sendo 118 afiliadas⁶ em todo o Brasil. Além, de 5 filiais em Recife, Rio de Janeiro, Brasília, São Paulo e Belo Horizonte, que auxiliam na capacidade do jornal de parecer estar em todos os locais ao mesmo tempo, que conseqüentemente resulta no pacto da credibilidade que criou ao longo dos anos com a audiência (Gomes, 2012). Com isso, Piccinin e Sgorla (2015), ressaltam que o Jornal Nacional vem adotando novos protocolos que ajudam na interação com a audiência, buscando romper com os “formalismos” e “distanciamentos”.

Dessa forma, com intuito de promover emoção e engajar a audiência, ao longo desse século uma das grandes apostas do Jornal Nacional foi na valorizam da estética do noticiário. O cenário do JN “mistura imagens reais e virtuais projetadas em três dimensões, sugerindo que o telejornal está inserido no fluxo contínuo de informações, e um movimento dinâmico”

⁶ Disponível em: <https://globoads.globo.com/afiliadas/> . Acesso em: 18 out. 2024.

(Becker, 2020). Nesse sentido, Gomes (2012) revela que o jornal possui uma série de estratégias comunicativas com seu público, que se moldam em maior ou menor grau ao longo dos anos, podendo modificar e acompanhar o fluxo de transformações em que o programa está inserido. À vista disso, tenta manter o equilíbrio entre o conservadorismo e a inovação.

4.1.2 A TRAGÉDIA DAS CHUVAS NO RS

No início de maio de 2024, o Estado do Rio Grande do Sul foi atingido pela maior enchente já registrada. As chuvas intensas que começaram no dia 27 de abril, se estenderam por dez dias, causando impactos sociais e econômicos. Bacias de rios como Caí, Taquarí, Jacuí, Pardo, Gravataí e Sinos transbordaram e provocaram o alagamento de ruas, casas, escolas, hospitais e comércios, atingindo 471 cidades gaúchas, matando cerca de 170 pessoas e deixando mais de 600 mil desalojadas⁷. Além dos rios das regiões dos Vales, o Guaíba que banha Porto Alegre e região metropolitana, e a Lagoa dos Patos, no sul do Estado, também transbordaram e causaram estragos. Mais de 2 milhões de pessoas foram afetadas de alguma maneira no Estado inteiro, o que chega a 90% dos municípios⁸ (Craide, 2024).

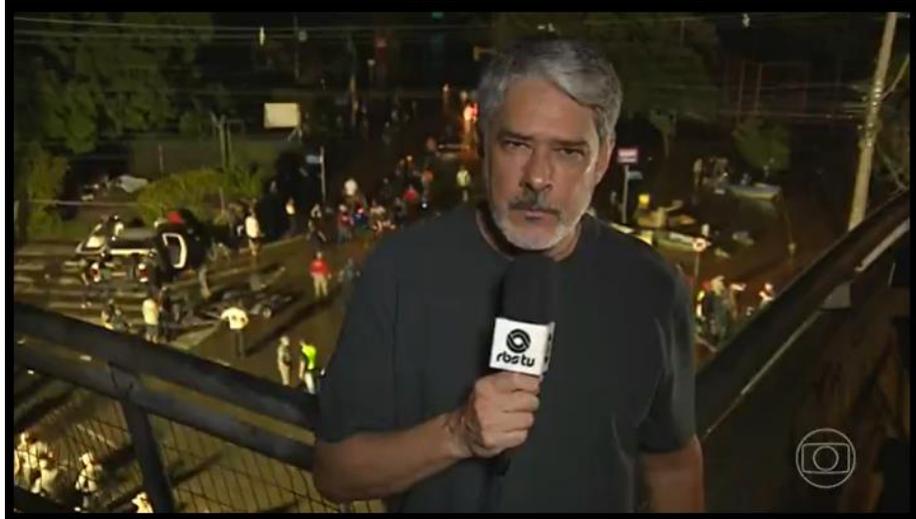
Por conta disso, a imprensa brasileira se mobilizou para auxiliar a população e o governo gaúcho com diversas e amplas coberturas jornalísticas. Nessa perspectiva, destacou-se a produção intensa de conteúdos da TV Globo. A Rede Globo enviou mais de 60 profissionais de comunicação⁹, de cidades como Rio de Janeiro, São Paulo e Brasília, que juntamente com a afiliada RBS TV, veicularam notícias in loco de inúmeras cidades e regiões do RS. Dentre os telejornais e programas da emissora que empenharam um grande número de repórteres e apurações sobre a tragédia, está o Jornal Nacional, objeto de pesquisa do presente trabalho já mencionado acima.

⁷ Disponível em: <https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2024/05/29/um-mes-de-enchentes-no-rs-veja-cronologia-do-desastre.ghtml#27> . Acesso em: 23 set. 2024.

⁸ Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2024-05/mais-de-2-milhoes-de-pessoas-foram-afetadas-pelas-enchentes-no-rs> . Acesso em: 07 out. 2024.

⁹ Disponível em: <https://www.uol.com.br/splash/noticias/2024/05/15/globo-cobertura-de-enchentes-no-rs-faz-audiencia-nacional-crescer.htm> . Acesso em: 07 out. 2024.

Figura 2 - William Bonner no 1º dia de cobertura da tragédia climática no RS



Fonte: Jornal [...], 2024d, 00:05s.

O âncora do JN, William Bonner, passou nove dias em Porto Alegre, em uma ampla cobertura. Contando com repórteres renomados, como Pedro Bassan, Flávio Fachel, Júlio Mosquera e Tiago Eltz, foram produzidas dezenas de reportagens e entradas ao vivo, com as histórias e informações que repercutiam nos municípios gaúchos. Os efeitos do desastre levaram a emissora e o próprio telejornal a bater recordes de audiência em 2024, chegando a alcançar 66 milhões de espectadores, dos dias 6 a 11 de maio¹⁰. Além de aumentar em 3 horas a cobertura jornalística, em comparação a uma semana regular¹¹.

4.2 Análise do objeto

Com propósito de estudar mais profundamente a cobertura do Jornal Nacional nas enchentes no Rio Grande do Sul. O presente subcapítulo visa debruçar-se por meio da metodologia de Análise de Conteúdo (Bardin, 2016), no corpus analítico estabelecido pela autora desta pesquisa. Nessa perspectiva, o intuito é analisar onze edições do Jornal Nacional, da qual se integram as exibições do dia 04 até 16 de maio de 2024. O objetivo é compreender a evolução da cobertura jornalística feita pelo então jornal, o tempo ocupado pelo desastre no telejornal, a quantidade de informações sobre uma mesma tragédia, a repetição das notícias e os profissionais que compuseram esse cenário. Dessa maneira, a análise inicia um dia antes

¹⁰ Disponível em: <https://f5.folha.uol.com.br/televisao/2024/05/tvs-elevam-audiencia-e-batem-recordes-com-cobertura-da-tragedia-no-rio-grande-do-sul.shtml> . Acesso em: 30 set. 2024.

¹¹ Disponível em: <https://www.uol.com.br/splash/noticias/2024/05/15/globo-cobertura-de-enchentes-no-rs-faz-audiencia-nacional-crescer.htm> . Acesso em: 07 out. 2024.

das instalações do JN no Estado, no dia 04, quando a emissora ainda não havia estabelecido uma ampla divulgação da tragédia. A pesquisa ainda percorre os dias seguintes, do dia 06 a 15 de maio, quando a cobertura se torna mais intensa e há uma concentração de informações e equipes de jornalismo pelo Rio Grande do Sul. Ao final, no dia 16, há a retomada do apresentador, William Bonner, à bancada, e o cenário que antes era *in loco*, passa a ser novamente nos estúdios Globo. À vista disso, o estudo proposto aqui analisa esse processo da cobertura do JN por meio das seguintes categorias: 1) Tempo 2) Vivo; 3) Pautas; 4) Repórteres; e 5) Repetições.

Portanto, para chegar ao *corpus* descrito anteriormente, cumpriram-se as três etapas da Análise de Conteúdo (Bardin, 2016): A pré-análise, da qual houve a coleta dos materiais, e por meio da leitura flutuante estabeleceu-se o *corpus* definitivo da pesquisa já descrito acima, ou seja, as edições do programa foram escolhidas a partir dos objetivos relatados anteriormente. Na segunda etapa, a cobertura jornalística foi explorada por inteira, e definidas as categorias ou indicadores, que vão contribuir com a pesquisa: Tempo dedicado à tragédia; Entradas ao vivo; Pautas relacionadas ao desastre; Repórteres locais e nacionais e imagens e informações repetidas. Ao final, foram feitos os tratamentos e a interpretação dos materiais escolhidos. Com isso, pode-se entender os efeitos produzidos pelo objeto da análise.

4.2.1 TEMPO

A partir da análise do tempo em que o Jornal Nacional dedicou à tragédia no RS em cada uma das onze edições escolhidas, foi observado que: Na edição anterior a primeira transmissão *in loco* do telejornal, no dia 04 de maio, a cobertura de informações, pautas, entradas ao vivo, entrevistas, ocupou apenas 37,5% do telejornal. A partir do dia 06, esse cenário muda, e com a chegada das equipes do JN, incluindo repórteres, técnicos e o próprio apresentador, começa um número crescente de ocupação do espaço relacionado às chuvas durante as edições. Por isso, no primeiro dia de transmissão *in loco* do telejornal, dia 06, há um avanço muito grande quanto a dedicação do jornal em querer relatar à população o que estava acontecendo no Estado gaúcho, da qual 88% do tempo foi para informar sobre a tragédia. No dia 07 de maio, esse número cresce para 89%. Em relação aos dias 08 e 09, tem uma variação de 81,25% e 89,65%, respectivamente do tempo. Logo, percebe-se que desde a chegada da equipe até o quarto dia de cobertura, os telespectadores tiveram acesso ao menos à 80% de tempo do Jornal Nacional em cada episódio, com notícias diretamente relacionadas ao desastre.

O tempo de exibição atinge seu ápice, no dia seguinte, 10 de maio, com 95%, quando o jornal já está no meio da cobertura, e as informações seguem sendo cada vez mais preocupantes, como as confirmações de alagamentos na Região Sul do Estado, alertas de novas chuvas e o risco de novos deslizamentos na Serra Gaúcha. Nos episódios posteriores começa uma tendência de queda dos relatos, da qual identificou-se que a ocupação de tempo do dia 11, foi de 89,%, dia 13, 81,35% e dia 14, 82%. Apesar das quedas, no último dia de exibição do telejornal diretamente de Porto Alegre, 15 de maio, há um aumento do tempo dedicado, em vista da necessidade do JN em validar os esforços feitos pelos jornalistas e repórteres tanto da RBS quanto da Rede Globo. Por isso, foi transmitido 86% do tempo dessa edição com pautas ainda sobre o desastre. Após a cobertura pelas cidades gaúchas presencialmente, o JN volta para “rotina”, no dia 16, e é visto uma queda brusca da ocupação da tragédia gaúcha no jornal, abordada pouco mais da metade da edição, 54%. Ao todo, o telejornal em onze dias, estabeleceu 7 horas e 50 minutos dedicando-se a divulgar a catástrofe climática.

Tabela 1 – Tempo de cada edição do JN dedicado às chuvas no RS

Edições	Porcentagem de tempo	Cobertura
04/05/2024	37,5%	Estúdio
06/05/2024	88%	<i>In loco</i>
07/05/2024	89%	<i>In loco</i>
08/05/2024	81,25%	<i>In loco</i>
09/05/2024	89,65%	<i>In loco</i>
10/05/2024	95%	<i>In loco</i>
11/05/2024	89%	<i>In loco</i>
13/05/2024	81,35%	<i>In loco</i>
14/05/2024	82%	<i>In loco</i>

15/05/2024	86%	<i>In loco</i>
16/05/2024	54%	Estúdio

Fonte: a autora (2024).

Dessa maneira, nota-se que, exclusivamente, durante a estadia *in loco* do Jornal Nacional, as edições foram totalmente voltadas para o caos que se estabelecia no RS, e que desse modo, o telejornal cumpre com o seu papel, que segundo Vizeu (2008), é de organizar e facilitar no entendimento de todas as informações referentes às enchentes. Além, de contribuir para uma experiência coletiva de sensações e sentimentos, e fazer seu papel social ao noticiar o maior número possível de histórias e dramas em solo gaúcho que possam sensibilizar as populações de outras regiões do Brasil e do mundo. Percebe-se também que o restante do país apenas consegue ter dimensão da tragédia quando o próprio telejornal estabelece que é importante e necessário abordar tais notícias.

Logo, no primeiro e último dia analisado, com a cobertura feita em estúdio, a tragédia das chuvas passa a ter menos reconhecimento e ser “mais uma” no meio de tantas outras informações que ocorreram naqueles dias. Nesse sentido, o Jornal Nacional passa a conduzir os telespectadores a partir dos efeitos de proximidade e participação que Coutinho (2012) estuda. Isto é, os telespectadores só tiveram maior entendimento sobre a tragédia e a dimensão do impacto ao povo gaúcho, quando a presença do JN em Porto Alegre mostrou essa realidade de perto e com a participação diária das vítimas e dos cenários catastróficos. Com outro modelo de cobertura, o telejornal não poderia adquirir a repercussão que obteve, e a enchente, inclusive, passar despercebida.

Apesar do Jornal Nacional contribuir com o fator organizador dos fatos para que os telespectadores entendessem a dimensão da tragédia, é necessário evidenciar que a mesma teve início no dia 27 de abril, já com várias ocorrências pelo Estado, porém, as ações do JN para começar uma cobertura especial demoraram dez dias após essa data. Além disso, a emissora e o telejornal foram criticados e cobrados pela audiência, pelo pouco espaço no programa dedicado à catástrofe. Cajazeira (2015) justifica esse movimento de cobrança do telespectador ao telejornal como uma das características do público atual que consome o jornalismo televisivo, ou seja, não há mais comportamentos individuais entre a mídia e sua audiência, mas sim, ações reativas que visam a colaboração um com o outro. Nota-se então, que o JN somente optou por transformar a tragédia das chuvas em uma grande cobertura,

devido a “onda” de críticas e por perceber que havia um potencial em audiência. Outro fator que evidencia, que, esse movimento do jornal em divulgar amplamente as enchentes após as críticas foi estratégico, está relacionado ao último dia da análise. No dia 16, com a volta da programação para o estúdio, foi visto que a exibição de informações despenca, e por meio disso, o JN exibe uma falsa sensação ao público que tudo relacionado ao desastre está controlado e até mesmo resolvido. O que evidentemente não estava, já que um mês após a enchente, mais de 500 mil pessoas ainda se encontravam fora de suas casas e 37 mil¹² permaneciam em abrigos.

4.2.2 VIVO

Na análise de entradas ao vivo, buscou-se observar o tempo e a frequência desse tipo de produção presente ao longo das onze edições. Em suma, as entradas ocuparam o início, meio e fim do telejornal, mas com uma prioridade em todos os onze dias, do qual todo começo do telejornal havia um destaque ao vivo, que visou abordar principalmente sobre números de mortos, feridos, desabrigados, desalojados, nível do Guaíba e a situação da capital Porto Alegre. Outras entradas ao longo do jornal eram para destaques e atualizações de dados das outras regiões atingidas do Estado gaúcho. Além disso, todos os comunicadores se encontravam em algum local do RS que estava sendo ou foi atingido pelo desastre. Observou-se também, que cada repórter era designado para uma região ou cidade de atuação, em que todos os dias trazia novas informações e registros sobre aquela localidade. Entre os repórteres que tiveram mais tempo de entradas ao vivo, destacaram-se: Maria Eduarda Ely, repórter regional com 9 participações, e Guilherme Balza e Chico Regueira, com 5 e 4 entradas ao vivo, respectivamente. Ao todo, foram 38 entradas ao vivo, com 13 repórteres, sendo 9 regionais e 4 nacionais. Dessa maneira, os ao vivo ocuparam ao todo 9% de toda a cobertura das chuvas, com um total de tempo de 44 minutos.

¹² Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2024-06/apos-um-mes-de-calamidade-gauchos-nao-conseguem-retomar-rotina> . Acesso em: 26 out. 2024.

Figura 3 – Repórter local Maria Eduarda Ely durante entrada ao vivo



Fonte: Jornal [...], 2024d, 7min57s.

Figura 4 – Repórter nacional Guilherme Balza durante entrada ao vivo



Fonte: Jornal [...], 2024f, 33min30s.

Figura 5 - Repórter nacional Chico Regueira durante entrada ao vivo



Fonte: Jornal[...], 2024f, 5min20s.

À vista dos aspectos acima, notou-se que a presença das entradas ao vivo em todas as onze edições analisadas, mesmo que resultando em apenas 9% do total da cobertura, evidencia a necessidade e a importância do factual para trazer novas informações de uma tragédia longa. Com isso, o telejornal também cumpre com uma de suas características, como pesquisada por Coutinho (2008), que é o “efeito presença” do telejornalismo. Isto é, o JN consegue construir uma narrativa do dia a dia do desastre, pois há uma ideia de que estão em todos os lugares ao mesmo tempo, além de contribuir com imagens *in loco* da situação que colocam ainda mais a audiência em “sintonia” com a tragédia.

Embora as entradas ao vivo conduzam a esse aspecto participativo do JN na tragédia, também salientam há falta de novidade nas informações exibidas pelo telejornal. Em todos os “vivos” os repórteres responsáveis não abordavam novos temas ou as perspectivas de possíveis soluções para os problemas da tragédia, mas noticiavam de maneira rápida as mesmas informações diariamente, como o número de mortos, desaparecidos, desabrigados, e os níveis dos rios. O que gera uma banalização quanto a esses aspectos do desastre, já que não há um caráter de novidade. Notícias ainda que de uma edição para outra não sofriam alteração, mas continuavam a integrar as pautas das entradas, o que também demonstra uma saturação quanto a repetição das informações, e afeta diretamente ao critério de qualidade observado por Wolf (2012), quanto ao serviço prestado pelo JN durante os “vivos”.

Diante desse fator, percebe-se que o telejornal apenas “resgata” e “recupera” números/informações nas entradas ao vivo, que acaba por simular um aspecto de novidade

diante da implementação dos cenários desoladores ao fundo. Importante destacar ainda, que o papel de um “vivo” é mostrar o recente, registrar algo que esteja acontecendo naquele momento, o público tende a esperar por isso. Porém, nesse caso da cobertura da tragédia no RS, esse recurso, muito utilizado no telejornalismo, acaba por passar ao telespectador uma sensação de monotonia, em vista de que os repórteres só se encontravam em um local novo da crise, mas apenas recuperando dados e fazendo atualizações das mesmas temáticas.

Além disso, por trazer a repetição dos fatos, os repórteres não acentuavam nenhuma análise crítica quanto as situações, e dessa maneira, apresentavam uma narrativa simples e sem contextualização, inclusive, pela falta de entrevistas durante as entradas. Mota (2006) afirma que a narrativa por meio do texto telejornalístico tem como objetivo atualizar valores e comportamentos, que por vez visam auxiliar o público para maior compreensão dos acontecimentos. Nesse sentido, as apresentações ao vivo tenderam a não deixar a catástrofe mais clara ou aprofundada à audiência, mas com um excesso de reincidência dos eventos.

4.2.3 PAUTAS

Em relação a análise das pautas feitas sobre o desastre no Rio Grande do Sul pelo objeto da pesquisa, foram observados os assuntos que mais apareceram diante as onze edições. Com isso, foi estudado o quanto de tempo reportagens relacionadas, à animais, voluntários, resgates, abrigos, ao envolvimento de autoridades do Governo Federal e aos estragos/danos causados pelas chuvas ocuparam no telejornal. Dessa forma, constatou-se que ao longo das edições analisadas, e do tempo que foi disposto a exibição da tragédia, identificou-se que: A transmissão dos estragos causados pela catástrofe climática, com cerca de 26 minutos, foi a que teve mais destaque entre as pautas observadas. Por meio desse assunto, o telejornal abordava as regiões mais afetadas, os cenários de destruição e as perdas materiais das vítimas. Em segundo lugar, aparece o envolvimento das autoridades e do Governo Federal com a tragédia, ocupando 25 minutos. Dessa maneira, o JN transmitia os esforços dos governos, por meio de auxílios e visitas para ajudar a população gaúcha. O voluntariado, ocupou 18 minutos, e foi por essas matérias que ficou viável ver a chegada das doações e a sensibilização da sociedade com os afetados.

Quanto aos resgates, foram 17 minutos de transmissão, e o principal foco do jornal era contar as dificuldades e desafios que os responsáveis por essa ajuda enfrentavam. As reportagens sobre abrigos, ocupou 12 minutos, e tinham o intuito de mostrar onde as vítimas iam parar pós resgates, além de evidenciar a nova rotina que muitos gaúchos estavam

enfrentando. Por fim, revelou-se que as pautas sobre os animais obtiveram 9 minutos de presença no JN, e conseguiram transmitir os problemas que bichos de diversas espécies passaram, além da adoção consciente de inúmeros animais, que por meio do desastre, estavam em abrigos e sem tutores.

Tabela 2 – Tempo das pautas

Pautas	Tempo de transmissão
Estragos	26 minutos
Autoridades	25 minutos
Voluntários	18 minutos
Resgates	17 minutos
Abrigos	12 minutos
Animais	9 minutos

Fonte: a autora (2024)

Pode-se destacar que diante dos critérios de noticiabilidade pesquisado por Wolf (2012), que o Jornal Nacional se utilizou de valores que ganham a visibilidade da população. Em um primeiro aspecto o telejornal usou o critério de impacto e interesse nacional quando decidiu transmitir toda uma cobertura especial sobre o desastre em solo gaúcho. Além disso, o número de pessoas envolvidas na tragédia foi grande, e culminou por ser outro critério que auxilia a ter visibilidade, mas principalmente, sensibilização por parte dos voluntários que estiveram para ajudar. Ademais, o critério de importância do indivíduo envolvido ganhou vez quando a presença do presidente do país ou alguma governança aparecia para auxiliar a população, o que valida como uma notícia de caráter importante e sério. Quanto as pautas relacionadas aos animais e voluntários, o destaque vale-se pelo critério de qualidade das histórias envolvidas e a frequência que foram noticiadas.

Nos resgates, além do critério da qualidade do material transmitindo, em vista dos registros *in loco* desses episódios, observou-se a utilização da relevância dessa pauta quanto a

evolução futura que teve. Ou seja, foi um dos assuntos que além de ter grande participação nas edições, continuou a se evidenciar até o final, já que muitas pessoas necessitavam desse socorro. Desse modo, todas as pautas destacadas possuem um conjunto de critérios, que por vezes, podem resultar nos mesmos aspectos. Porém, na presente análise, todas se encaixam no critério de notícias como resultado de uma ideologia da informação, logo, elas são informações que romperam o cotidiano de maneira brusca, e como ressaltado por Wolf (2012), merecem espaço no noticiário.

À vista desses aspectos presentes nas reportagens, observa-se que o Jornal Nacional utilizou-se de temáticas e pautas que culminaram muito mais ao emocional dos telespectadores, com os salvamentos, mortes, desaparecimentos, histórias de superação em meio à tragédia, e até mesmo a presença de personagens marcantes como o cavalo Caramelo, do que informações que, por vezes, detinham um valor-notícia mais relevante. Isso pôde ser analisado por meio do fator da baixa frequência, por exemplo, de pautas relacionadas ao meio ambiente e clima, que visam elucidar ao telespectador as causas do problema. Elemento que impediu, inclusive, a presente pesquisa de analisar esse tipo de temática como categoria. O telejornal ao longo das onze edições estudadas, exibiu apenas uma única reportagem no primeiro dia do jornal *in loco*, com pouco mais de 2 minutos sobre as consequências do aquecimento global, que seguramente está relacionado ao cenário desolador no RS.

Através dessa proposta mais emocional, e totalmente voltada ao factual, o JN perde a oportunidade de fazer um papel de conscientizador da audiência, sobre os efeitos climáticos gerados pelas ações humanas e a falta de investimentos por parte dos governos. Perde ainda, a possibilidade de exibir as possíveis soluções para problemas como os da enchente. Isso porque, o telejornal prezou em manter a prioridade no factual e deixou de lado questões que poderiam vir a ajudar de fato as comunidades atingidas, e gerar novos debates na sociedade sobre a importância da preservação e o cuidado ambiental.

4.2.4 REPÓRTERES

Na categoria repórteres, pôde-se analisar a presença de 38 profissionais locais e nacionais que transmitiram à catástrofe das chuvas no RS no Jornal Nacional. Na presença de repórteres locais, que pertenciam à RBS TV, observou-se 16. Entre os comunicadores que apareceram mais vezes em tela, destacam-se: Maria Eduarda Ely e Luiza La Rocca, com 9 vezes, Jonas Campos, Cristiano Dalcin e Débora Padilha, com 6 participações. Para além desses, Günter Schüller e Maiara Medina participaram 3 vezes, Eduardo Paganella e Juliano

Castro, 2. Com apenas uma participação, estão: Cristine Galiza, Rai Quadros, Bruno Marsili, Bruno Halpern, Jeferson Ageitos, Shirley Paravise e Vitor Rosa.

Entretanto, jornalistas do próprio telejornal superaram o número de representações, chegando a 22 repórteres. Dessa forma, assumiram o comando em tela em mais ocasiões: Tiago Eltz, 10 vezes, Flávio Fachel, 8 vezes, Delis Ortiz e Chico Rigueira, 7, Pedro Bassan, 6, e Guilherme Balza, 5 vezes. Outros repórteres como, Júlio Mosquera apresentou-se 4 vezes, já Renata Ribeiro e Fernanda Carvalho, 3, e Alessandro Torres, 2. Porém, um pouco mais da metade dos jornalistas da própria Globo, tiveram apenas uma participação em frente às notícias do desastre. Sendo eles: Honório Jacometto, Graziela Azevedo, Bette Luchesse, Pedro Málaga, Carlos Gil, Ana Paula Araújo, Carlos Eduardo Alvim, Felipe Brisola, Vladimir Netto, Mateus Marques, André Junqueira e Isabela Camargo.

Vale ressaltar, que todos os repórteres elencados acima foram analisados por meio da frequência que apareceram no JN, durante as onze edições propostas para o estudo, e em diversos modelos de transmissão das informações, ou seja, foram incluídos repórteres presentes tanto nas entradas ao vivo quanto nas reportagens dispostas nesse período.

Tabela 3 – Repórteres locais com mais participações

Nomes dos repórteres	Quantidade de vezes em tela
Maria Eduarda Ely	9x
Luiza La Rocca	9x
Jonas Campos	6x
Cristiano Dalcin	6x
Débora Padilha	6x

Fonte: a autora (2024)

Tabela 4 – Repórteres nacionais com mais participações

Nomes dos repórteres	Quantidade de vezes em tela
Tiago Eltz	10x
Flávio Fachel	8x
Deliz Ortiz	7x
Chico Rigueira	7x
Pedro Bassan	6x
Guilherme Balza	5x

Fonte: a autora (2024)

Em vista dos aspectos analisados acima, identifica-se que mesmo com o apoio dos comunicadores da afiliada RBS TV, o Jornal Nacional contou com uma equipe própria grande e que supera a da emissora parceira. Ainda pôde ser visto, que a maioria dos repórteres, tanto locais quanto nacionais, que tiveram uma atuação direta nas cidades atingidas, foram designados para regiões específicas, e por consequência, se tornaram referência quanto as informações daquela determinada área. Houve também uma prioridade com relação às reportagens, aos repórteres da Rede Globo, enquanto os locais, tinham mais acesso aos “vivos”. Salieta-se ainda que a única repórter fora do Estado, com mais participações foi a jornalista nacional Delis Ortiz, diretamente de Brasília. Isso condiz com o número de pautas, já mencionadas acima, relacionadas aos Governos Federal e Estadual às medidas adotadas para auxiliar a população gaúcha. Ademais, jornalistas mais experientes tiveram mais chances em tela, mas ainda assim, nomes ainda não muito conhecidos, como da repórter local Maria Eduarda Ely, tiveram uma grande exposição, além de uma contribuição com dados e atualizações que valorizavam o factual no telejornal diariamente.

Observou-se também, que todos os repórteres nacionais *in loco*, como Pedro Bassan, Tiago Eltz e Flávio Fachel, apresentaram narrativas em sua maioria por meio de reportagens que possuíam aspecto dramático e apelo emocional. Logo, as imagens com cenários desoladores, a valorização do sobe som, do choro e desespero das vítimas, faziam parte da construção das notícias por parte desses profissionais. O que é justificado segundo o estudo de Coutinho, I. (2006), em que identifica o texto, a imagem e a organização da narrativa do telejornalismo como dramática. Dessa forma, estabelece que os jornalistas em sua maior parte convidaram a audiência a acompanhar algum drama cotidiano, nesse caso, as enchentes no RS. É por meio dessa característica também, que os repórteres prenderam o público, pois a partir do estabelecimento de uma expectativa com essa audiência, em relação aos relatos comoventes, pôde-se ter o resultado de um grande número de pessoas acompanhando dia-a-dia o telejornal.

Constatou-se ainda, que, mesmo em uma equipe numerosa, os repórteres nacionais detinham menos aproximação das informações locais, enquanto os jornalistas da afiliada, conseguiam abordar temas mais precisos, como a exibição de números e dados. Além disso, os repórteres locais, de certa maneira, conduziam os telespectadores em entradas ao vivo e reportagens a uma maior proximidade com os fatos, feito que os jornalistas nacionais não detinham pelo pouco conhecimento das regiões. Diante desse fator, os repórteres da Rede Globo complementavam o JN com matérias de pautas mais amplas, e por vezes repetitivas, como segurança, abrigos, as destruições em municípios, enquanto os locais estabeleceram um

repertório mais objetivo e factual, por meio do destaque de números de mortos, atingidos, níveis dos rios, e deslizamentos ou outros problemas que ocorriam durante os dias de chuvas. Vale enfatizar que o Jornal Nacional priorizou repórteres locais na cobertura da cidade de Porto Alegre, e de jornalistas nacionais como Flávio Fachel, que é gaúcho, nascido na capital, que possuíam mais entendimento sobre os bairros afetados. Constituindo assim, maior precisão nas informações e estabelecendo uma narrativa que aproximasse a audiência aos fatos e notícias contadas.

4.2.5 REPETIÇÕES

Na última categoria analisada pelo presente estudo, as repetições, observou-se oito informações específicas, e sete imagens que ao longo das onze edições apareceram, e como eram postas com frequência à audiência. As informações sobre número de mortos, desabrigados, desalojados, cidades atingidas, resgatados e desaparecidos entraram nessa observação. Além delas, notícias referentes ao nível do Guaíba e Lagoa dos Patos também foram incluídas. Com isso, o estudo constatou que: A informação sobre o número de mortos foi repetida 15 vezes pelo telejornal. Notícias referentes aos desabrigados foram 18, sendo a informação que mais foi exposta ao público. Seguida do nível do Guaíba, com 17. Em relação aos desalojados, notou-se 16 vezes a repetição, cidades atingidas apenas 5, com o menor grau de exposição entre todas as outras analisadas. Resgatados e desaparecidos, foi levantado que obtiveram 12 e 14 vezes, respectivamente, de descrição dentro das narrativas dos repórteres e apresentadores. Informações sobre o nível da Lagoa dos Patos, também foi um dos assuntos com mais reincidência de citações no telejornal, com 11 vezes.

Tabela 5 – A repetição de informações

Informações	Nº de vezes repetidas
Desabrigados	18x
Nível do Guaíba	17x
Desalojados	16x
Mortos	15x

Desaparecidos	14x
Resgatados	12x
Nível Lagoa dos Patos	11x
Cidades atingidas	5x

Fonte: a autora (2024)

Com relação às imagens e seu grau de disposição durante as edições, foram averiguadas cenas do: Centro Histórico de Porto Alegre, Cais Mauá, Aeroporto Salgado Filho, Rodoviária de Porto Alegre, e do Cavalito Caramelo. Além dessas cenas, ilustrações com infográficos de mapas das cidades do RS e do escoamento das águas da enchente também estão presentes na análise. Por isso, notou-se que: Os infográficos informando as cidades atingidas pela tragédia foi a ilustração que mais se repetiu, com 45 vezes. A imagem do Centro Histórico debaixo d'água, aparece em segundo na lista com maior exibição, com 19 vezes. O Cais Mauá e o aeroporto foram repetidos, respectivamente, 12 e 11 vezes. Quanto ao infográfico que explicava o escoamento de toda a água da enchente até o oceano, foi exibido 10. Por fim, as imagens que o público teve menos acesso com relação a todas as outras observadas, foram a da rodoviária com 8 vezes, e do Cavalito Caramelo, que se tornou um símbolo na época ao Estado gaúcho, com 7.

Deve-se salientar que as observações tanto de imagens quanto de informações foram estudadas por meio das falas dos apresentadores, e repórteres. Dessa forma, foi possível explorar o número de vezes que essas cenas e notícias eram transmitidas apenas pelo telejornal à audiência, ou seja, as informações cedidas por fontes sendo oficiais ou não, não foram levadas em consideração no momento da contabilização desses conteúdos.

Figura 6 - Infográfico mapa das cidades gaúchas



Fonte: Jornal [...], 2024f, 4min13s.

Figura 7 – Centro Histórico de Porto Alegre



Fonte: Jornal [...], 2024e, 23min11s.

Figura 8 - Cais Mauá



Fonte: Jornal [...], 2024a, 28min53s.

Figura 9 - Aeroporto Salgado Filho



Fonte: Jornal [...], 2024e, 25min46s.

Figura 10 – Infográfico escoamento d'água



Fonte: Jornal [...], 2024b, 12min.

Figura 11- Rodoviária de Porto Alegre



Fonte: Jornal [...], 2024a, 26min49s.

Figura 12 - O cavalo Caramelo



Fonte: Jornal [...], 2024g, 51min33s.

Observada as repetições, notaram-se que todas as informações foram noticiadas ao menos uma vez ao longo das onze edições de estudo, exceto o número de cidades atingidas. Com isso, o público foi conduzido pelo Jornal Nacional a criar uma expectativa quanto as atualizações desses números e dados durante os programas. Mesmo sendo uma cobertura de tragédia, e que acaba por exigir a explanação de dados como os observados, em muitas das atualizações, como mortes e desaparecidos, não havia novidades evidentes sobre o assunto, o que por vezes culminou na banalização dessas informações.

Não só em relação ao texto, mas as imagens também ficaram saturadas ao longo dos episódios, visto que, principalmente as cenas repetidas eram reproduzidas em reportagens de jornalistas nacionais, fora da cobertura *in loco*. Logo, as produções feitas diretamente dos locais da tragédia conseguiam trazer cenas mais novas a atuais, enquanto reportagens produzidas em longa distância repetiam uma série de vezes a mesma imagem. Dessa maneira é possível refletir, que, o telejornal “quebra” determinados critérios (Wolf, 2012) como o balanceamento e frequência das informações e imagens, já que decidem por não estabelecer regras quanto às repetições, e até mesmo se preocupar em como o público vai se comportar mediante tanto excesso.

4.3 A leitura dos indicativos da Análise de Conteúdo pelas Tecnologias do Imaginário

Composto um cenário acima, entende-se que a tragédia da enchente no Rio Grande do Sul, provocou mudanças tanto em aspectos sociais e econômicos da população gaúcha, quanto

no imaginário dos telespectadores que acompanharam o Jornal Nacional ao longo das onze edições analisadas pelo então estudo. A partir da inserção do telejornal no ambiente da tragédia, e o modelo de reportagens, pautas e entradas ao vivo oferecidos ao cotidiano da audiência, percebe-se que o JN, enquanto produto pertencente a uma tecnologia do imaginário, como descrito por Silva, J. (2003), conseguiu por meio das técnicas jornalísticas instigar e produzir um simbolismo do que foi a enchente. Essa construção de cenário através do imaginário se estabelece por algumas representações e decisões tomadas pelo telejornal nas edições. O que se pode incluir a escolha do jornal pela transmissão dos fatos *in loco*.

Por meio desse fator, a audiência começou a ter acesso a uma “enxurrada” de informações e histórias estritamente concentradas na tragédia, formulando esquemas mentais que auxiliaram na compreensão da dimensão da situação. Silva, J. (2003) expressa que é com a força gerada pela TV por meio dos fatos, que o público se sente seduzido, e com isso, o emocional das pessoas é diretamente afetado afim da sensibilização que ocorre. Vale ressaltar que assim como o telejornalismo, o imaginário é constituído de maneira coletiva (Maffesoli, 2001), logo, a distribuição de notícias sobre a enchente por si só, já se concretiza como um fator que vai mexer com o “olhar” do público sobre determinada comunidade.

Outro elemento que se impõe na produção do imaginário, são as narrativas apresentadas de maneira apelativa e carregadas de dramas. Por meio delas, o telejornal buscou mostrar o cotidiano das vítimas e atingidos, com isso, os telespectadores em suas casas eram convidados a buscar aspectos que ligassem as suas histórias com as dos flagelados, e o resultado dessa produção imagética com as reportagens, é a quantidade de voluntários e auxílio humanitário que o RS recebeu durante esse período. Logo, como também avaliado por Silva, J. (2003), a construção dos aspectos imaginários sobre a necessidade de auxílio a população gaúcha, aconteceria por meio da identificação do outro em si.

Além disso, o acesso do público a informações e imagens muito saturadas, reforçaram uma perspectiva e modo de viver que a população gaúcha enfrentava, o que segundo Benetti (2009), é a partir dessas ações do jornalismo, que a audiência forma “imagens arquetípicas”, ou seja, essas notícias e imagens de tanto exibidas e viabilizadas, acabam por criar uma esfera na imaginação das pessoas em como é a vida, as mortes, as cidades, as destruições quando uma enchente ocorre. E foi por meio dessa estrutura imaginal que o JN consegue promover o entendimento quanto a divulgação da enchente. Importante avaliar, que, com a presença dos repórteres nos “vivos”, e expondo os fatos e números, a audiência detinha mais detalhe dos acontecimentos, já que o foco era o factual, o agora. Dessa maneira, os jornalistas “modulavam” (Benetti, 2009) por meio das suas falas e observações o imaginário do

telespectador, reforçando sentidos e dando significados a tudo que se passava durante o telejornal.

A participação intensa dos repórteres locais, também é um elemento que auxiliou a condicionar os espectadores a uma imagem mais sólida da tragédia. Isso se consta pelo fato, já mencionado na Análise, de que esses jornalistas proporcionavam mais conhecimento das regiões e comunidades que foram atingidas, por essa característica, o público detinha mais oportunidades de compreender a catástrofe com “olhares” de mais proximidade, deixando-os mais propícios a “aceitação” das informações. Por consequência, os repórteres acabam sendo vistos como agentes que provocaram mudanças no imaginário da sociedade, já que por meio deles, acontece o que de acordo Silva, J. (2003) estuda, a recepção e entendimento das regras/informações que inflam o cenário imaginal sobre a enchente.

Apesar do Jornal Nacional abastecer o imaginário da audiência com símbolos que criam aspectos de identificação e significados, também acabou por inflar as “bacias semânticas” com narrativas que não constroem novas percepções quanto às catástrofes como a exibida. Isso é visto quando a ausência de pautas conscientizadoras sobre a importância do meio ambiente e a responsabilidade ambiental que governos e comunidades devem ter, não é abordada com frequência. Logo, quando Durand (1998) expressa que o imaginário social é construído ao longo do tempo, e Silva, J. (2017), que a televisão como uma tecnologia desse imaginário passa a ser uma ferramenta de auxílio aos indivíduos para compreender o mundo, sente-se a falta do telejornal em questão em começar essa elaboração de pensamentos e trajetórias.

Entende-se então, que devido aos aspectos elencados acima, o JN participou do imaginário coletivo afim de preenchê-lo com informações e imagens que contribuíram ao cenário social da percepção e significados da enchente no Rio Grande do Sul. Através dessa ação do telejornal, imagens mentais sobre como tragédias ambientais podem ser delicadas e calamitosas ganharam espaço nas consciências, podendo repercutir ainda por muito tempo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando os indicativos acima analisados, no presente trabalho foi manifestado desde o início o propósito de aprofundar-se no desenvolvimento e serviço prestado pelo Jornal Nacional, por meio das notícias exibidas ao longo da cobertura especial da enchente de maio, de 2024 no Rio Grande do Sul. Dessa maneira, observou-se algumas inferências que destacam o comportamento dos produtores do telejornal durante o período das 11 edições pesquisadas. Vale destacar que os resultados obtidos na presente análise, são de um determinado tempo e espaço. Logo, referem-se a uma realidade que foi observada por meio de metodologias, categorias e objetivos específicos, para chegar a uma análise mais completa e precisa.

Diante disso, é considerado o objeto de estudo, neste específico, o Jornal Nacional, um jornal de grande amplitude, e que já se envolveu em coberturas de grandes significados e escala noticiosa, como a da enchente. Sabe-se também, que “operações” como as feitas pelo JN, como a vinda do apresentador e repórteres, para o local das tragédias, e a intensidade das notícias, podem causar um maior interesse nacional, e por vezes, massivo em querer acompanhar o desenvolvimento de determinada catástrofe. Em vista disso, compreende-se a trajetória do Jornal Nacional ao longo desta específica cobertura, como um indicativo que se deve ampliar algumas ações referentes aos problemas relatados e exibidos para a audiência, como também, reavaliar os critérios jornalísticos que levam a uma repetição das informações e principalmente dados.

O cenário estabelecido pelo JN desde o início das edições especiais, mostra que há um processo de crescimento quanto ao retrato da tragédia, porém a maneira como a realidade da população gaúcha vai sendo mostrada, é quase que sufocante. Observa-se ao longo do tempo o telejornal “inflar” com uma onda de interesse em assuntos relacionados ao desastre, o que por hora, é considerado natural já que se fala de uma cobertura especial. Mas quando se vê, subitamente, esse tempo destinado a crise despencar, fica notório a fragilidade que situações e pautas relacionadas à desastres climáticos são dispostos pela mídia.

Ainda, é preciso avaliar a necessidade do deslocamento do âncora para o lugar do fato. Pois, sabe-se que é um procedimento que exige investimento por parte do meio de comunicação, a disposição de veículos e equipamentos para transporte, além de todo o processo de instalação no local de cobertura. Na situação da enchente, William Bonner deslocou-se a cada dia para cenários diferentes, principalmente, ambientes fechados, sem aproximação do público, servindo como “gancho” para chamar as reportagens e entradas ao vivo. O que, provavelmente, não mudaria a essência da cobertura, caso ele estivesse no

estúdio durante todo esse período. Com isso, é possível dizer que a participação do âncora poderia ter sido utilizada como um reforço à credibilidade e importância da cobertura. Dessa maneira, o telejornal conseguiria desenvolver um papel mais significativo e atender determinadas demandas, como a necessidade de sanar dúvidas sobre as causas e impactos futuros que a enchente provoca.

Ademais, constatou-se uma falta de equilíbrio quanto à utilização das entradas ao vivo e as pautas abordadas nelas. Entende-se os “vivos” como um elemento essencial para o telejornalismo, uma técnica abordada diariamente que resulta no aprimoramento das informações, e estabelece um vínculo com os telespectadores mais “real” e natural. Porém, diante das edições, percebe-se um uso em demasia desse efeito, mas principalmente, com um conjunto de participações que visaram a repetição das mesmas informações e dados. O que ao longo da cobertura, se vê como o esgotamento das notícias. Ou seja, há um excesso de pautas com os mesmos temas, sem novos enquadramentos ou destaques veiculados nesses períodos, que pode certamente levar a audiência a uma exaustão quanto a crise exibida, e passar a vê-la como algo tedioso e sem caráter de importância, já que gera uma banalização dos dados.

Ainda sobre indicativos que mostram o aspecto excessivo da reincidência de eventos transmitidos na cobertura, percebe-se a utilização e criação de personagens, como o cavalo Caramelo, que se tornam símbolos da tragédia, em uma “super” exposição durante esse período, como também de cenários devastados. O que pode ser visto como um aspecto bom, já que cria um relacionamento de comparação de força da população com o bichinho ou a fonte que esteja em cena, mas que acaba por dar um enfoque muito maior em aspectos ligados apenas ao emocional do público. O que culmina em uma espécie de desperdício do tempo utilizado na cobertura, à elementos que realmente não tinham mais potencial de sensibilização e conscientização da tragédia.

Diante de assuntos com grande destaque no Jornal Nacional, há outros que não tiveram êxito. Um elemento importante não abordado pelo telejornal, está relacionado ao papel de algumas organizações, como a da Defesa Civil durante a realidade da crise, que é fundamental para esse tipo de ocorrência, mas que não teve espaço algum durante as edições. Entende-se que a partir da compreensão e exibição de alertas e a “tradução” de mensagens técnicas sobre riscos e transtornos é possível deixar as informações mais claras e úteis para audiência.

Nesse sentido, é importante destacar também a falta de temáticas relacionadas às causas e consequências dos problemas da catástrofe climática. Pois, há um excessivo enquadramento sobre informações que de certa maneira, não precisariam de tanta visibilidade,

como já destacados acima, e também, uma lacuna não preenchida pelo JN quanto aos problemas e situações que levaram o Estado a chegar nessa crise. Compreendeu-se durante esse estudo, o papel do telejornalismo como um condutor de sentidos da realidade, e até mesmo, um meio que visa auxiliar a sociedade a entender melhor as adversidades que acontecem pelo mundo. Mesmo tendo uma função importante durante a cobertura da enchente, que é dar a possibilidade de espaço à crise e voz à população atingida, o Jornal Nacional não conseguiu provocar uma maior conscientização sobre o cuidado com o meio ambiente, sobre políticas públicas, emendas parlamentares e questões orçamentárias que pudessem ajudar, ou até mesmo, cobrar autoridades sobre as responsabilidades que cada entidade poderia ter. Mas acabou apenas focando em aspectos que naquele momento já não tinham como ser mudados.

Um fator relevante, que evidencia que a sociedade não foi conscientizada sobre a responsabilização de gestores públicos, por exemplo, pôde ser visto na campanha e nas últimas eleições municipais de 2024. Prefeitos que tiveram as cidades gravemente atingidas conseguiram ser reeleitos, pois a população não os responsabiliza pelos inúmeros problemas durante a crise. Observa-se então, um telejornal compromissado em reforçar a recorrência de casos e banalizar fatores que poderiam causar um efeito positivo na audiência quanto a preservação e cuidado do meio ambiente. Além, de iniciar uma transformação das consciências em relação à política local e eventos climáticos, assunto que, ainda hoje, é debate em organizações mundiais, motivos para protestos e, por vezes, polarizações políticas.

Por fim, o telejornalismo é importante na cobertura de fatos como esse, quando evidencia os aspectos humanitários, como o voluntariado e doações, a fim de viabilizar um número de ajuda e processos mais rápidos de soluções para o momento. Porém, deve-se focar mais em elementos que provoquem o conhecimento que desencadearam determinada crise, e como é possível resolvê-la, além um maior aprofundamento, por parte dos repórteres, das vulnerabilidades sociais e ambientais nos locais da tragédia. Dessa maneira, as coberturas jornalísticas podem ficar menos repetitivas e esgotadas sobre determinados temas, e desenvolver sua principal função que é chamar atenção dos telespectadores para pautas de grande impacto. A sociedade deve lembrar de forma mais efetiva e profunda das tragédias para que elas não mais aconteçam. A volta do telejornal à cobertura factual não pode ser o fim das reflexões sobre o que aconteceu.

Para pesquisas futuras, com intuito de ampliar a perspectiva de atuação dos telejornais no cotidiano da audiência por meio de grandes eventos e a mobilização que ocorre. É indicado analisar numa pesquisa qualitativa da recepção, os comportamentos e percepções para

identificar os efeitos junto à audiência. Para que assim, ocorra uma maior clareza por meio de dados empíricos, em como se desenvolve o comportamento da nova geração que vem consumindo telejornais, diante determinados fenômenos.

REFERÊNCIAS

- APRESENTAÇÃO. *In*: VIZEU, Alfredo. (org.). **A sociedade do telejornalismo**. Petrópolis: Vozes, 2008.
- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edição 70, 2016.
- BECKER, Beatriz. Jornal Nacional: Estratégias e desafios no seu cinquentenário. **Revista Alceu**, v. 20, n. 40, p. 206-225, 2020. Disponível em: <https://revistaalceu.com.puc-rio.br/alceu/article/view/54/56> . Acesso em: 28 set. 2024.
- BECKER, Beatriz. Mídia, telejornalismo e educação. **MATRIZES**, São Paulo, Brasil, v. 10, n. 1, p. 149–164, 2016. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/119541>. Acesso em: 28 ago. 2024.
- BECKER, Beatriz. Os 500 anos do descobrimento dos noticiários da TV. *In*: MOTA, Célia; PORCELLO, Flávio; Vizeu, Alfredo. (orgs.). **Telejornalismo a nova praça pública**. Petrópolis: Insular, 2006, p. 65-98.
- BENETTI, Marcia. Jornalismo e imaginário: o lugar do universal. *In*: MARQUES, Angela *et al.* **Esfera pública, redes e jornalismo**. Rio de Janeiro: E-papers, 2009, p. 286-297.
- BONNER, William. **Jornal Nacional - Modo de fazer notícia**. Rio de Janeiro: Editora Globo, 2009.
- BUCCI, Eugênio. **Brasil em tempo de TV**. São Paulo: Boitempo, 1997.
- CAJAZEIRA, Paulo E. A participação do Jornalismo em TV: do analógico ao digital. *In*: COUTINHO, Iluska; MELLO, Edna; PORCELLO, Flávio; VIZEU, Alfredo. (orgs.). **Telejornalismo e Praça Pública**. Florianópolis, Insular, 2015, p. 181-206.
- CARVALHO, Paulo. Audiência da TV em queda prejudicou muito mais outras emissoras do que a Globo. **Terra**, [s. l.], 5 set. 2024. Disponível em: <https://www.terra.com.br/diversao/tv/audiencia-da-tv-em-queda-prejudicou-muito-mais-outras-emissoras-do-que-a-globo,a5d91de953b6cb2613bfcfb01a8db7e7u2g40c9n.html> . Acesso em: 30 set. 2024.
- CASHMORE, Ellis. **E a televisão se fez**. São Paulo: Sannus, 1998.
- CETIC. **Conectividade significativa**: propostas para mediação e o retrato da população no Brasil. São Paulo: Núcleo de informação e Coordenação do Ponto BR, 2024. Disponível em: https://cetic.br/media/docs/publicacoes/7/20240606115919/estudos_setoriais-conectividade_significativa.pdf . Acesso em 31 ago. 2024.
- COSTA, Luiza M. Evitar notícias é uma questão jornalística?. **Observatório da Imprensa**. [s. l.], 4 out. 2022. Disponível em: <https://www.observatoriodaimprensa.com.br/jornalismo/evitar-noticias-e-uma-questao-jornalistica/> . Acesso em: 07 nov. 2024.

CORREIA, João C.; VIZEU, Alfredo E. A construção do real no telejornalismo: do lugar de segurança ao lugar de referência. *In*: VIZEU, Alfredo. (org.). **A sociedade do telejornalismo**. Petrópolis: Vozes, 2008, p. 11-28.

COUTINHO, Eduardo. O poder da palavra. *In*: REZENDE, Guilherme J. (org.). **Telejornalismo no Brasil: um perfil editorial**. São Paulo: Summus, 2000, p. 43-53.

COUTINHO, Iluska. Telejornal e narrativa dramática: um olhar sobre a estrutura da informação em TV. *In*: MOTA, Célia; PORCELLO, Flávio; Vizeu, Alfredo. (orgs.). **Telejornalismo a nova praça pública**. Petrópolis: Insular, 2006, p. 99-124.

COUTINHO, Iluska. Telejornalismo e Público – Sobre vínculos com o cidadão, convertido em audiência. *In*: COUTINHO, Iluska; PORCELLO, Flávio; VIZEU, Alfredo. (orgs.). **O Brasil (é)ditado**. Florianópolis: Insular, 2012, p. 21-42.

COUTINHO, Iluska. Telejornalismo e (re)produção do conhecimento no Brasil. **Lumina**, v. 2, n. 2, 2008. DOI: 10.34019/1981-4070.2008.v2.20964. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/lumina/article/view/20964>. Acesso em: 28 ago. 2024.

CRAIDE, Sabrina. Mais de 2 milhões de pessoas foram afetadas pelas enchentes no RS. **Agência Brasil**, [Brasília], 15 mai. 2024. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2024-05/mais-de-2-milhoes-de-pessoas-foram-afetadas-pelas-enchentes-no-rs> . Acesso em: 07 out. 2024.

DURAND, Gilbert. **O imaginário**: Ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem. Rio de Janeiro: DIFEL, 1998.

EMERIM, Cárlica. Telejornal, tecnologia e narrativa no Brasil para os próximos 65 anos. *In*: COUTINHO, Iluska; MELLO, Edna; PORCELLO, Flávio; VIZEU, Alfredo. (orgs.). **Telejornalismo e Praça Pública**. Florianópolis, Insular, 2015, p. 207-228.

EMERIM, Cárlica; Mello, Edna. Os marcadores do Estatuto do Real no Telejornalismo: entre a produção e o consumo da notícia. *In*: COUTINHO, Iluska; MELLO, Edna; PEREIRA, Ariane. (orgs.). **Telejornalismo em mutação: rupturas e permanências**. Florianópolis: Insular, 2023, p. 209-232.

FECHINE, Yvana. Programação direta da TV: sentido e hábito. **Significação: Revista de Cultura Audiovisual**, v. 31, n. 22, p. 41–57, 2004. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/significacao/article/view/65593>. . Acesso em 22 ago. 2024.

FECHINE, Yvana. Uma proposta de abordagem do sensível na TV. *In*: ENCONTRO ANUAL DE COMPÓS, 15., 2006, Bauru. **Anais eletrônicos**. Campinas, Galoá, 2006. Disponível em: <https://proceedings.science/compos/compos-2006/trabalhos/uma-proposta-de-abordagem-do-sensivel-na-tv?lang=pt-br>. Acesso em 22 ago. 2024.

FERRÉS, Joan. **Televisão e educação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

FERRÉS, Joan. **Televisão subliminar**: Socializando através da Comunicação Despercebida. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

GLOBO ADS. **Conheça nossas afiliadas**. São Paulo: Globo, c2024. Disponível em: <https://globoads.globo.com/afiliadas/> . Acesso em: 18 out. 2024.

GOMES, Itania M. M. Estabilidade em fluxo: uma análise cultural do Jornal Nacional, da Rede Globo. *In*: Gomes, Itania M. M. (org.). **Análise de telejornalismo**: desafios teóricos-metodológicos. Salvador: EDUFBA, 2012, p. 39-58.

GOMES, Itania M. M. Modo de endereçamento no Telejornalismo do Horário Nobre Brasileiro: o Jornal Nacional, da Rede Globo de Televisão. *In*: ENCONTROS DO NÚCLEO DE PESQUISA DO INTERCOM, 5., Rio de Janeiro, 2005. **Anais [...]**. [S.l.]: Intercom, 2005. Disponível em: <https://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/74277217742772103772621605140235486090.pdf> . Acesso em: 29 set. 2024.

JORNAL, Nacional de 10 de maio de 2024. Editor-chefe: William Bonner. Apresentadores: Ana Luiza Guimarães; William Bonner. Rio de Janeiro: Globo, 2024a. Vídeo (1h8min). Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/12588149/?s=0s> . Acesso em: 05 out 2024.

JORNAL, Nacional de 11 de maio de 2024. Editor-chefe: William Bonner. Apresentadores: Aline Mdlej; William Bonner. Rio de Janeiro: Globo, 2024b. Vídeo (56min). Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/12590103/?s=0s> . Acesso em: 05 out 2024.

JORNAL, Nacional de 26 de setembro de 2024. Editor-chefe: William Bonner. Apresentadores: Renata Vasconcellos; William Bonner. Rio de Janeiro: Globo, 2024c. Vídeo (40 min). Disponível pela plataforma Globoplay. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/12958335/?s=0s> . Acesso em: 07 out. 2024.

JORNAL, Nacional de 6 de maio de 2024. Editor-chefe: William Bonner. Apresentadores: Ana Luiza Guimarães; William Bonner. Rio de Janeiro: Globo, 2024d. Vídeo (54 min). Disponível pela plataforma Globoplay. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/12575935/?s=0s> . Acesso em: 05 out. 2024.

JORNAL, Nacional de 7 de maio de 2024. Editor-chefe: William Bonner. Apresentadores: Ana Luiza Guimarães; William Bonner. Rio de Janeiro: Globo, 2024e. Vídeo (1h4min). Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/12579092/?s=0s> . Acesso em: 05 out. 2024.

JORNAL, Nacional de 8 de maio de 2024. Editor-chefe: William Bonner. Apresentadores: Ana Luiza Guimarães; William Bonner. Rio de Janeiro: Globo, 2024f. Vídeo (48 min). Disponível pela plataforma Globoplay. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/12582145/?s=0s> . Acesso em: 05 out. 2024.

JORNAL, Nacional de 9 de maio de 2024. Editor-chefe: William Bonner. Apresentadores: Ana Luiza Guimarães; William Bonner. Rio de Janeiro: Globo, 2024g. Vídeo (58 min). Disponível pela plataforma Globoplay. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/12585046/?s=0s> . Acesso em: 05 out. 2024.

LIPOVETSKY, Gilles; SERROY, Jean. **A tela global**: mídias culturais e cinema na era hipomoderna. Porto Alegre: Sulina, 2009.

LORDÊLO, Tenaflae da S.; VIZEU, Alfredo E. 65 anos de telejornalismo: das “notícias fordistas” e as “notícias pós-fordistas”. *In*: COUTINHO, Iluska; MELLO, Edna; PORCELLO, Flávio; VIZEU, Alfredo. (orgs.). **Telejornalismo e Praça Pública**. Florianópolis, Insular, 2015, p. 133-148.

MAFFESOLI, Michel. O imaginário é uma realidade (entrevista). **Revista FAMECOS**, v. 8, n. 15, p. 74–82, 2001. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/revistafamecos/article/view/3123>. Acesso em: 15 set. 2024.

MAIA, Aline S. C. **O telejornalismo no Brasil na atualidade**: Em busca do telespectador. *In*: SEMINÁRIO INTERNACIONAL ANÁLISE DE TELEJORNALISMO: DESAFIOS TEÓRICOS-METODOLÓGICOS, Salvador, 2011. **Anais [...]**. [S.l. : s. n.], 2011. Disponível em: https://analisedetelejornalismo.wordpress.com/wp-content/uploads/2011/08/maia_aline.pdf . Acesso em 15 ago. 2024.

MATTOS, Sérgio. **Um perfil da TV brasileira** (40 anos de história: 1950-1990). Salvador: Abap, 1990.

MEDIA, Kantar I. **Audiência de vídeo**. [S.l.], 2024. Disponível em: <https://kantarihopemedia.com/audiencia-de-video/>. Acesso em 20 ago. 2024.

MEDIA, Kantar I. **Inside Video 2024**. [S.l.], 2024. Disponível em: <https://kantarihopemedia.com/inside-video-2024-2/?submissionGuid=28ef4b30-6e23-4972-8ec9-8707308177d0>. Acesso em 27 ago. 2024.

MEMÓRIA, Globo. **Jornal Nacional – A notícia faz história**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2004.

MOTA, Célia L. O gesto e a palavra: representações sobre cidadania no telejornal. *In*: MOTA, Célia; PORCELLO, Flávio; VIZEU, Alfredo. (orgs.). **Telejornalismo a nova praça pública**. Petrópolis: Insular, 2006, p. 125-145.

NASCIMENTO, Sandro. **Jornal Nacional cresce no ibope pelo Brasil em 2023**. [s. l.], 29 mar. 2023. Disponível em: <https://natelinha.uol.com.br/televisao/2023/03/29/jornal-nacional-cresce-no-ibope-pelo-brasil-em-2023-195623.php> . Acesso em: 30 set. 2024.

PATERNOSTRO, Vera I. O jornalismo na televisão. *In*: REZENDE, Guilherme J. (org.). **Telejornalismo no brasil**: um perfil editorial. São Paulo: Summus, 2000, p. 70-91.

PATERNOSTRO, Vera I. **O texto na TV**: manual de telejornalismo. Rio de Janeiro: Elsevier, 2006.

PAVÃO, Filipe. **Com Bonner no RS, Globo cobre enchentes no Sul e vê audiência disparar**. [s. l.], 15 mai. 2024. Disponível em: <https://www.uol.com.br/splash/noticias/2024/05/15/globo-cobertura-de-enchentes-no-rs-faz-audiencia-nacional-crescer.htm> . Acesso em: 07 out. 2024.

PEIXOTO, Néelson B. O discurso da TV. *In*: REZENDE, Guilherme J. (org.). **Telejornalismo no brasil**: um perfil editorial. São Paulo: Summus, 2000, p. 31-37.

PICCININ, Fabiana; SGORLA, Fabiane. “Veja como fiz e como faço”- bastidores autenticam o real no Jornal Nacional. *In*: COUTINHO, Iluska; MELLO, Edna; PORCELLO, Flávio; VIZEU, Alfredo. (orgs.). **Telejornalismo e Praça Pública**. Florianópolis, Insular, 2015, p. 277-294.

PINTO, Ivonete. A dramatização no telejornalismo. **Revista FAMECOS**, [S. l.], v. 4, n. 7, p. 117–123, 2008. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/revistafamecos/article/view/2991>. Acesso em: 05 set. 2024.

PORCELLO, Flávio. Mídia e poder: os dois lados de uma mesma moeda. *In*: VIZEU, Alfredo. (org.). **A sociedade do telejornalismo**. Petrópolis: Vozes, 2008, p. 47-80.

SANTOS, Leandro O. **A reconfiguração da notícia**: um estudo sobre o impacto do cibercontecimento na rotina produtiva do telejornalismo. 2012. Tese (Doutorado em jornalismo) – Programa de pós-graduação em comunicação, FAMECOS, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018. Disponível em : https://tede2.pucrs.br/tede2/bitstream/tede/8358/5/TES_LEANDRO_OLEGARIO_DOS_SANTOS_COMPLETO.pdf. Acesso em: 11 set. 2024.

SCOLARI, Carlos A. This is the end: as intermináveis discussões sobre o fim da televisão. *In*: CARLON, Mario; FECHINE, Yvana. (org.). **O fim da televisão**. Rio de Janeiro: Confraria do Vento, 2014, p. 34-53.

SILVA, Gislene. Imaginário coletivo: estudos do sensível na teoria do jornalismo. **Revista FAMECOS**, v. 17, n. 3, p. 244–252, 2010. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/revistafamecos/article/view/7382>. Acesso em: 15 set. 2024.

SILVA, Gislene. Para pensar critérios de noticiabilidade. **Estudos em jornalismo e mídia**, Florianópolis, v. 2, n. 1, pag. 95-107, 2005. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/2091/1830> . Acesso em: 10 set. 2024.

SILVA, Gislene; SOARES, Rosana L. O jornalismo como tradução: fabulação narrativa e imaginário social. **Galáxia**, v. 13, n. 26, p. 110-121, 2013. Disponível: <https://www.scielo.br/j/gal/a/TG4nKsP9gQVQjZZzHndkVjd/?format=pdf&lang=pt> . Acesso em: 15 set. 2024.

SILVA, Juremir M. **As tecnologias do imaginário**. Porto Alegre: Sulina, 2003.

SILVA, Juremir M. A questão da técnica jornalística: cultura e imaginário. **Revista FAMECOS**, v. 16, n. 39, p. 13-18, 2009. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/revistafamecos/article/view/5836/4258> . Acesso em: 15 set. 2024.

SILVA, Juremir M. **Diferenças e descobrimento. O que é o imaginário?** A hipótese do excedente de significação. Porto Alegre: Sulina, 2017.

SILVA, Laerte J. C.; VIZEU, Alfredo P. 65 anos de televisão: o conhecimento do telejornalismo e a função pedagógica. **Revista FAMECOS**, v. 23, n. 3. 2016. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/revistafamecos/article/view/22638>. Acesso em: 28 ago. 2024.

SODRÉ, Muniz. A natureza do verbal na televisão. *In*: REZENDE, Guilherme J. (org.). **Telejornalismo no brasil: um perfil editorial**. São Paulo: Summus, 2000, p. 54-63.

TACUSSEL, Patrick. O imaginário social, valores e representações coletivas na civilização pós-industrial. *In*: ESCOSTEGUY, Ana Carolina. (org.). **Comunicação, Cultura, e mediações tecnológicas**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006, p. 13-18.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo: a tribo – uma comunidade interpretativa transnacional**. Florianópolis: Insular, 2. ed., 2008.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo: Porque as notícias são como são**. Florianópolis: Insular, 2. ed., 2005.

UM mês de enchentes no RS: Veja cronologia do desastre que atingiu 471 cidades, matou mais de 170 pessoas e expulsou 600 mil de casa. [s. l.], 29 mai. 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2024/05/29/um-mes-de-enchentes-no-rs-veja-cronologia-do-desastre.ghhtml#27> . Acesso em: 23 set. 2024.

VAQUER, Gabriel. **TVs elevam audiência e batem recordes com cobertura da tragédia no Rio Grande do Sul**. [Aracaju], 15 mai. 2024. Disponível em: <https://f5.folha.uol.com.br/televisao/2024/05/tvs-elevam-audiencia-e-batem-recordes-com-cobertura-da-tragedia-no-rio-grande-do-sul.shtml> . Acesso em: 30 set. 2024.

VILELA, Pedro R. **Após um mês de calamidade, gaúchos não conseguem retomar rotina**. [Brasília], 1 jun. 2024. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2024-06/apos-um-mes-de-calamidade-gauchos-nao-conseguem-retomar-rotina> . Acesso em: 26 out. 2024.

WOLF, Mauro. **Teorias das comunicações de massa**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.

WOLTON, Dominique. **Elogio do grande público: uma teoria crítica da televisão**. São Paulo: Ática, 1996.



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Pró-Reitoria de Graduação e Educação Continuada
Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 1 - 3º. andar
Porto Alegre - RS - Brasil
Fone: (51) 3320-3500 - Fax: (51) 3339-1564
E-mail: prograd@pucrs.br
Site: www.pucrs.br